

sua história, a construção do açude Boqueirão, enquanto no último explora outra vertente do romance nordestino, o tema do cangaço, que já vem de Franklin Távora, com *O Cabeleira*, ainda da fase realista.

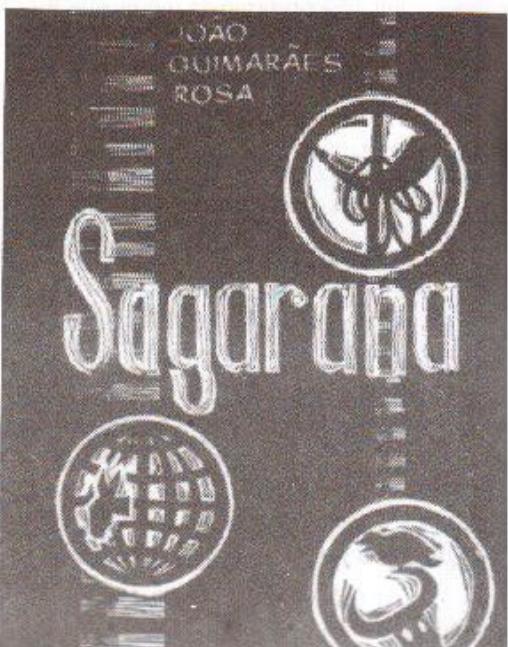
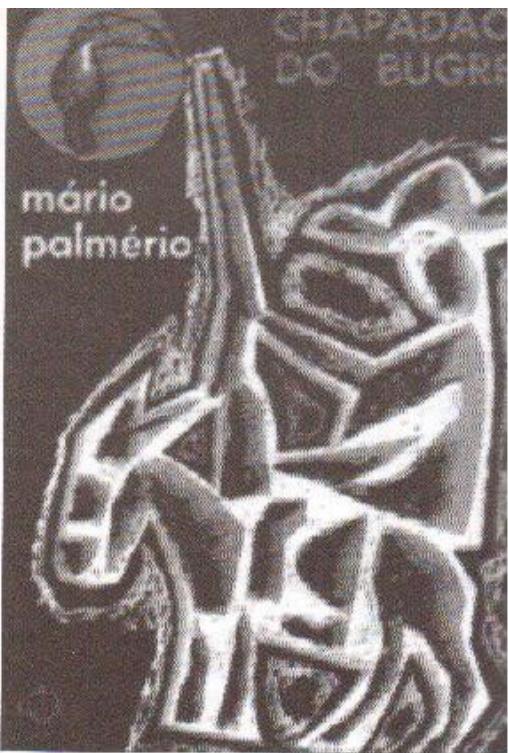
Anteriormente, havia ele publicado o ensaio *A Paraíba e seus Problemas*, pelo que se verifica que o sociólogo precedeu o romancista, como observa o crítico Olivio Montenegro: "Os fatos da vida sertaneja, informa ele, são desse calibre. Terra, homem, plantas, animais, tudo parece com uma cor diferente, e de formas agrestes, que metem a um tempo, admiração e medo".

"José Américo de Almeida viu de perto essa vida, prossegue aquele autor, viu no seu tempo de rapaz, na idade da adolescência, quando o homem tem a sua receptividade à flor de todos os sentidos, e nunca mais perdeu de memória o espetáculo de heroísmo e de miséria que aí o comovou e espantou".

Para concluir: "Através dos diálogos do seu romance é fácil descobrir como o autor adere intimamente às formas de sentimento e ação do povo miserável e heróico que tanto o atrai e inspira nos seus livros". (Olivio Montenegro - *O Romance Brasileiro*, Liv. José Olympio Editora, 1952, p.180).

É este romance de José Américo o ponto de partida de um ciclo de romances - o chamado romance de 30, que daria uma nova dimensão à nossa literatura.

O surgimento desse romance foi um espanto nos arraiais literários do sul do País, lá mesmo onde se encastelava o pontificado das letras nacionais. Tristão de Athayde, em seu rodapé de crítica de *O Jornal*, conta como tomou conhecimento desse livro. Havia ele tomado daquele romance com desconfiança. "Lávro feio, mal impresso em papel ordinariíssimo, repelindo o contacto com as mãos e com os olhos", para em seguida afirmar, em tom peremptório. "Até minutos antes a literatura brasileira estava vazia desse livro. E de agora por diante já não pode viver sem ele. Seria diferente se ele não existisse".



Afirma ainda, no citado artigo, que seria ele "o romance que Euclides da Cunha teria escrito se fosse romancista. De um Euclides da Cunha sutil e bárbaro a um só tempo. O romance daquilo de que Os Sertões foram a cuspícia". ("Uma Revelação", Estudos - III Série, 1a parte, A. Orderm, 1930, p.137-151).

Por que esse romance trouxe tantas mudanças em nossa concepção de estética literária? Por que tratou do problema da seca? Sabemos que não. Antes dele outros romancistas já haviam tratado do assunto, como o nosso Francisco Gil Castelo Branco, em Ataliba, o Vaqueiro, obra publicada no Rio de Janeiro, em 1880; Rodolfo Teófilo, em 1890, com o romance Fome; Domingos Olímpio, com Luzia Homem, em 1908, e Antônio Sales, com Aves de Arribação, em 1914.

O que o romance de José Américo trouxe, essencialmente, à nossa literatura, foi a ampliação do quadro dos motivos literários, incorporando à obra de arte literária os aspectos menos atraentes da nossa realidade, porque os mais dolorosos, os mais chocantes, trazendo a presença do povo à temática do novo romance. Em suma, o que se deu, com essa obra emblemática foi a apreensão daquela denúncia das nossas desigualdades sociais, que já vinha do genial Euclides da Cunha, com Os Sertões, em 1902, seguido por Oliveira Viana, Manoel Bonfim, Azevedo Amaral, Gilberto Amado e finalmente, já na década de 30, por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr.

Depois dele, todos os grandes romancistas quiseram traçar, em suas obras, um retrato do Brasil, não o Brasil do Conde de Afonso Celso e o seu ufanismo, mas o Brasil das desigualdades sociais, dos excluídos, hoje dos sem terra e sem teto, o Brasil que não cabe mais nas teorias dos sociólogos de importação ou das elites políticas demissionárias, que são as de hoje.

Vieram ai o seu conterrâneo José Lins do Rego, com o ciclo da cana de açúcar, Graciliano Ramos, com sua obra densa de

realidade social e de introspecção de seus personagens, Jorge Amado, com o ciclo do cacau, e assim, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, Lúcio Cardoso, Guimarães Rosa e sua revolução na linguagem literária, uma saga de ficcionistas motivados pelos problemas fundamentais do homem brasileiro que nunca mais sairão das páginas de nossa literatura. Essa a contribuição de José Américo ao romance de 30 e à cultura brasileira.

No que toca à linguagem e ao estilo este livro é um dos primeiros a utilizar de maneira eloquente a fala popular do homem nordestino em achados admiráveis que só poderão ser encontrados antes dele, na língua portuguesa, talvez no teatro popular de Gil Vicente, no quinhentismo português, segundo de período licit de Antônio Gramsci, em sua obra Literatura e Vida Nacional, ao afirmar:

"Quando se afirma que a língua literária tem uma grande riqueza de meios expressivos, afirma-se uma coisa equívoca e ambígua, confundindo-se a riqueza expressiva possível registrada no vocabulário (ou contida nele nos 'autores') com a riqueza individual que pode ser individualmente utilizada; todavia, é esta última a única riqueza real e correcta e é sobre ela que se pode medir o grau de unidade linguística nacional que é dado pela fala viva do povo, pelo grau de nacionalização do patrimônio linguístico." (Ob. cit., Civilização Brasileira, 1968, p.137).

A professora Maria do Socorro Silva Aragão e outros, reuniu em um Glossário Aumentado e Comentado de A Bagaceira, editado pela Fundação Casa de José Américo, de João Pessoa - Pb. (1984), um elenco expressivo de termos e expressões populares daquele livro que poderão fornecer valiosos subsídios aos que queiram aprofundar-se neste assunto. Se houvesse tempo e não quiséssemos aumentar a dimensão desta arenga, que nos impusemos fosse breve para não cansar os ouvintes, a ele poderíamos recorrer a título de ilustração da linguagem e do estilo desse grande livro.

O próprio autor cuidou do assunto em seu discurso de posse à Academia

Brasileira de Letras, quando, numa espécie de confissão, assim proclama:

"Estranhou-se a dessemelhança entre a linguagem do autor e a dos personagens. Eu fixara um estilo, adquirira uma ética de expressão e não iria abandoná-la para arremediar o povo. Permanecriam as linhas da minha formação e eu utilizaria, nos diálogos, para ser mais autêntico, a fala comum, cada qual com o seu síncope. Garimpando e disciplinando, preocupado em não incorporar material impuro à minha escritura artística.

"Deixei que os outros elaborassem uma gíria plebeia ou que religissem como quem está aprendendo a falar, confundindo primarismo com infantilidade.

"Acharão que falta vida interior. Não cuidei disso. Como analisar estados de consciência em seres vulgares vazios de reflexão? Tudo era instinto e força da natureza; não havia o que revelar, senão repentes de energia material." (Cf. op. cit. in José Américo de Almeida: a Saga de uma Vida — Joacil de Brito Pereira, INL/Pró-Memória/Senado Federal, 1987, p.452).

Ao saudá-lo em seu ingresso, já quase no final da caminhada, na Academia Brasileira de Letras, o mesmo Tristão de Athayde vaticinou-lhe o destino dessa obra, em palavras consagradoras, com as quais conclui estas pálidas considerações sobre esta nobre figura literária, uma das mais altas de nossa literatura:

"Foste, senhor José Américo, o criador de um novo estilo. Daí a vossa importância, na história de nossas letras

## **Sois hoje a obra da Bagaceira. Não mais A Bagaceira obra vossa. É o destino de todas as obras-primas da humanidade.**

modernas. Vosso estilo não era apenas vossa personalidade. Como o dos Sertões, excedeu de muito a pessoa de Euclides da Cunha. E por isso é que sua obra se libertou de seu autor e hoje vive por si. Como ousades de admitir que A Bagaceira já não é só vossa. É de todos. E desde 1928 vive uma vida alheia à vossa. Sois hoje a obra da Bagaceira. Não mais A Bagaceira obra vossa. É o destino de todas as obras-primas da humanidade. A Ilíada é maior que Homero. Como A Divina Comédia é maior do que Dante. E embora convenhamos que

a vossa obra, por mais importante que seja, não faz parte da constelação das obras universais e perenes, ninguém nega que seja uma pedra branca imortal na história de nossas letras e por isso mesmo obedecendo ao critério que fez dos Lusíadas algo maior que Camões". (Ob. cit. p.454)

Muito obrigado.

(Palavra proferida no Seminário sobre José Américo de Almeida, realizado pela Academia Piauiense de Letras/Universidade Federal do Piauí)

\*Presidente do Conselho Estadual de Cultura, Professor Emérito da Universidade Federal do Piauí.

# PAULO CAVALGANTI E O MUNDO DE EÇA DE QUEIROZ

Dagoberto Carvalho Jr.\*



Era Sertânia – diria Fradique Mendes – e o promotor público da comarca exercitava, já em 1945, boas lições de literatura e de democracia. Porque o amor à liberdade e a paixão literária por Eça de Queiroz amanheceram, em Paulo Cavalcanti, com o próprio humanismo, de que seria uma das mais elevadas expressões do Pernambuco de seu tempo. Humanismo ético o

steu, como bem o disse, nesta casa, o contista e cronista Luiz Arraes, ressaltando-lhe, como valor maior, a tolerância que – escreveu – tomava nele a forma da cortesia. Paulo de Figueiredo Cavalcanti é bem a expressão humana do que, em Eça, foi ficção ou desejo, ideologia ou práxis. A mim, neste tempo de saudade e neste espaço da memória, cabe dizer do Paulo queiroziano.

Cavalcanti que temia, sobretudo, pela participação – no júri – de Sílvio Rabelo. Esquecia-se decerto, que Possidônio Orestes seria, como de resto o foi, apenas um heterônimo do escritor marxista de Eça de Queiroz, *O Revolucionário*. A ideologia de Paulo permeava o texto, desde o título às referências bibliográficas, passando por conceitos e doutrinas explícitas da dialética

*"Cavalcanti  
incorporaria à  
sua pregação  
marxista a  
bandeira da  
causa  
queiroziana;"*

que a Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife comemorou o centenário de nascimento de Eça (realizou, também, um concurso de ilustrações e trouxe à cidade, para conferência, o escritor Vianna Moog). Paulo Cavalcanti, escudado no pseudônimo Possidônio Orestes, candidatou-se com a monografia *Eça de Queiroz, O Revolucionário*. O pseudônimo, satisfazendo exigência do certame, garantiria a imparcialidade do julgamento a cargo de Aderbal Jurema, José Otávio de Freitas Júnior, Olívio Montenegro e Sílvio Rabelo. Já então era evidente a posição ideológica de Paulo

Fernando de Oliveira Mota, perdeu o terceiro lugar para o ensaio *A Outra Face de Eça*. E, o pior, por voto de minerva do Diretor da D.D.C., José Césio Regucira Costa, de quem, apesar de possíveis divergências políticas, já se aproximara e cujo apoio seria importante ao tempo do clube de celianos. Mas, a julgar por depoimento futuro de Olívio Montenegro que em opinião de 1959 sobre Eça de Queiroz, *Agitador no Brasil*, ainda se confessava surpreso com a inteligência “perquiridora e de alto fôlego” de Paulo Cavalcanti, tinham mesmo fundamento as preocupações do concorrente de 1945. O

inquestionável valor literário de Eça de Queiroz, *O Revolucionário*, como literatura e exercício de interpretação metodológica do tema, somou-se, com efeito, ao reconhecimento imediato de Regueira Costa a "écite" de Paulo Cavalcanti – já então envolvido com o proselitismo ecião – para garantir-lhe um quarto lugar no concurso e espaço no documentário depois publicado. Até parece que o zeloso Diretor e já admirador do ensaista neófito se preava, com a cláusula 9<sup>a</sup> das "Instruções para o Concurso", que lhe reservava o direito de adquirir o trabalho não classificado cuja publicação interessasse. Foi o caso do pioneiramente notável estudo de Paulo. O tempo ratificaria esse ato de justiça do Diretor de Documentação e Cultura. Paulo Cavalcanti incorporaria à sua pregação marxista a bandeira da causa queiroziana, tendo sido, de ambas, o mais consciente e combativo defensor. A ponto – e o fari parecer-me, particularmente, significativo – de fazer imprimir e distribuir, como propaganda do partido, uma das mais corajosas páginas do jovem Eça, *O Povo*. Considero até que, encontrando-se, ideologicamente, ali, nunca mais arrefeceu, no grande líder pernambucano, a admiração pelo escritor português.

Já em 1948, com o jornalista Silvino Lopes, fundou o clube de Amigos de Eça de Queiroz, que a exemplo dos círculos do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, teve como objetivo o estudo da vida e da obra do criador do Padre Amaro. Once anos depois, Paulo lamentava que "assustadiços eciãos, por falsos temores políticos deixaram malograr" o clube. O lamentado malogro não terá sido, contudo, mais do que uma fase de declínio do movimento já identificado com sua liderança e, portanto, ideologicamente estigmatizado. O ciclo de golpes de direita ainda estava por completar-se com a ditadura de 1964, explicando, de algum modo e sob protesto, os falsos temores que ainda assim se não explicavam e, muito menos, se justificavam ou justificam, ontem como hoje. A idéia que não deixou de contar com a simpatia e, até certo ponto, com a colaboração

de Regueira Costa, manteve-se gregariamente viva e redimensionada em *Sociedade Eça de Queiroz* e chegou, vitoriosamente renovada, ao sesquicentenário do patrono celebrado, no Recife, com acacias pompa e circunstância.

A consagração de Paulo Cavalcanti como elevada expressão do movimento queiroziano internacional, veio, efetivamente, com a edição de *Eça de Queiroz, Agitador no Brasil*, livro que – não obstante as dificuldades, não superadas, para editar-se, modestamente, na província – já nasceu clássico, integrando, em 1959, a notável *Coleção Brasiliiana da Companhia Editora Nacional*, de que é o volume 311. Trabalhando um tema absolutamente novo, com boa metodologia, invulgar sensibilidade para a história social e domínio literário da prosa, impôs-se, não só como especialista, mas como humanista e escritor de largos recursos técnicos e extraordinária expressão literária. Na edição-príncipe, hoje raridade bibliográfica, substitui o prefácio, lúcido parecer de Nilo Pereira (subscrito por Costa Porto e Mário Melo), com que a Academia Pernambucana de Letras concedeu a Paulo Cavalcanti o Prêmio Joaquim Nabuco, em sua versão 1956. Belo exemplo, o do relator do parecer não se deixando comprometer pelas suas evidentes divergências filosóficas com o autor, nem tampouco, com o clima político que malevolamente mantinha, à distância obsequiosa, o marxista declaradamente assumido. Nesse quase prefácio revela-se o próprio Nilo Pereira, ecião, também; credo literário que, aliás, professaria até o fim da vida. Sou testemunha disso. Sobre o livro é enfático: "Cabe sem contestação a Paulo Cavalcanti a primazia de, como velho ecião – observem, velho já em 1957 – fascinado por todos os aspectos da obra e da vida do romancista lusitano, haver realizado uma penetrante e paciente pesquisa de que resultou revelada nova fisionomia, algo surpreendente, da repercussão de Eça no Brasil, notadamente em Pernambuco, num período agudo da nossa história nativista e pré-republicana". *Eça de Queiroz, Agitador no Brasil* mereceu, ainda,



os Prêmios José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras e Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (São Paulo).

A repercussão do livro de Paulo como, aliás, previra Mauro Mota, foi de "surpreender até os exegetas mais ortodoxos de Eça". Guerra da Cal, o grande estudioso do estilo queiroziano e organizador da monumental bibliografia, ressaltou-lhe "o método expositivo e a integridade da investigação". Adonias Filho enfatizou que "a segurança com que o livro foi escrito desafia a contestação da interferência intelectual de Eça no Brasil e, particularmente, em Pernambuco". Em Portugal, Ferreira de Castro, João Gaspar Simões, Ramos de Almeida e Mário Gular, entre outros, emitiram sérios e alvissareiros depoimentos. Até na Checoslováquia repercutiu a nova obra. Zdneck Hanpeis, ilustre crítico e tradutor de Eça, saudou o livro como definitivo, destacando-lhe "o caráter científico por excelência". A consequência não se fez esperar. Sete anos depois, a mesma Companhia Editora Nacional encarregou-se da segunda edição na *Brasiliana* novo formato, respaldada pelas mais elogiosas opiniões críticas; a introdução epigrafada com a quadra

folclórica que marcaria o ciclo memorialístico de Paulo Cavalcanti: "n caso eu conto como o caso foi", versos de gosto popular que identificam - no autor em análise - a vocação telúrica e o compromisso com a verdade, valores que marcaram os seus escritos como um todo. Não conheceria limites, ainda, o sucesso de *Eça de Queiroz, Agitador no Brasil*. 1972, ano do centenário dos acontecimentos de Goiana provocados pelas Farpas, revista através da qual chegou Eça ao Brasil e tornou-se agitador em Pernambuco, é também o ano da edição portuguesa do trabalho, pela *Editora Livros do Brasil*. É a edição "revista e aumentada" com que sonha o autor. Mas, Paulo não estava, editorialmente, realizado. Faltava-lhe, com efeito, a edição da província, dívida antiga que Pernambuco assumiria nos séries da casa de Jordão Emerenciano. Coube à *Editora Guararapes*, em 1983, a pernambucaníssima quarta edição com opiniões, entre outras, de Gaspar Simões e Barbosa Lima Sobrinho. A capa é da filha Moema Cavalcanti, já consagrada, em São Paulo, no mundo das artes gráficas; autora também, do cartaz do III Encontro Internacional de Queirozianos. Presença

destacada no primeiro desses Encontros, realizado no Porto, por ocasião do centenário d'Os Maias, Paulo Cavalcanti recebeu, também, homenagem dos organizadores do conclave de 1995, na Universidade de São Paulo, que o inscreveram, *in memoriam*, na comissão central. Há nisso qualquer coisa do reconhecimento de Portugal e de São Paulo e muito da admiração queiroziana de Isabel Pires de Lima e Elza Miné que presidiam os respectivos Encontros. Em Portugal, fez Paulo outros bons amigos em Eça: o jornalista Celso Pontes, grande animador cultural da Vila do Conde; D. Maria da Graça Salema de Castro, Presidente da Fundação Eça de Queiroz (Tormes) e neta do escritor; Prof. Dr. Carlos Reis, da Universidade de Coimbra e, em Lisboa, o Embaixador Dário Moreira de Castro Alves e o Arquiteto A. Campos Matos, organizador do notável Dicionário de Eça de Queiroz. Paulo foi o grande elo intelectual entre os grupos querozionistas do sul do país e de Portugal com o núcleo recifense que fundou e animou durante meio século. No momento, a Nordelta Editora prepara a quinta edição de Eça de Queiroz, Agitador no Brasil, com o apoio do Instituto Camões, órgão do governo português que trabalha na divulgação de autores ou temas de interesse para a cultura lusófona. É mais uma demonstração da vitalidade da temática e da transcendência literária do autor no mundo de língua portuguesa. Durante todo esse tempo, foi também marcante a presença de Paulo na imprensa diária do Recife e em revistas especializadas nacionais e estrangeiras, no exercício atualizado da crítica queiroziana. Para o Diário de Pernambuco, por exemplo, escreveu *Eça de Queiroz já foi marca de cigarros no Recife*, artigo de interesse sociológico depois publicado na Revista Encontro, do Gabinete Português de Leitura.

Para concluir, gostaria de lembrar diálogo de Clóvis Ramalhete – autor de um dos primeiros clássicos brasileiros sobre Eça de Queiroz – com Paulo Cavalcanti, no aeroporto do Rio de Janeiro, em 1959.

Indagado sobre as novidades ecianas, Ramalhete que não reconhecia Paulo, diz-lhe ser a grande novidade, o livro Eça de Queiroz, Agitador no Brasil. Entre surpreso e enraidecido – pela receptividade e pela opinião abalizada de Ramalhete – identifica-se o autor:

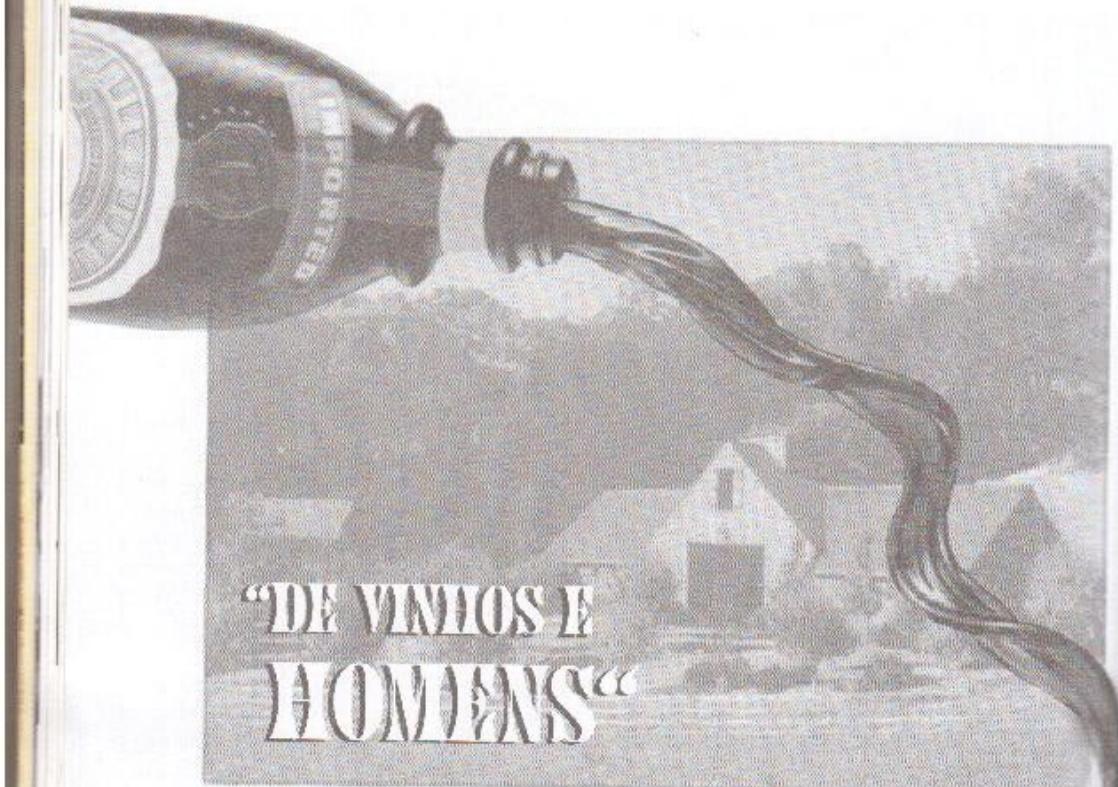
– Ora, Clóvis, este livro é o meu!

– Sim, Senhor – responde Ramalhete, também surpreso – é mesmo o que há de mais novo e melhor sobre o nosso velho Eça.

Era – então – e continua sendo nova abordagem de Paulo Cavalcanti do Eça de Queiroz como ele sempre o quis: mais à esquerda. Se não o revolucionário do concurso de 1945, o agitador goianense de 1872 e de sempre. Agitador no modo como renovou o velho idioma e contribuiu, com sua crítica, para a revolução moral e intelectual da sociedade portuguesa. A receita, válida para todos e atual ainda hoje, Paulo aprendeu e repetiu com sucesso. Escreveu Eça: “*O riso é a mais antiga e ainda a mais terrível forma da crítica. Passe-se sete vezes uma gargalhada em volta de uma instituição e a instituição afie-se*”. Em 1983, Paulo ensinava com a mesma convicção: “*o riso e a gargalhada representam ao lado de punhos cerrados e medonhos sobrecentros, formas variadas de luta contra a mesmice de instituições ultrapassadas e bolorentas*”.

(Conferência proferida na Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, em 30 de maio de 1996)

<sup>1</sup>Escritor, Membro das Academias Piauiense de Letras e da Academia de Letras e Artes de Pernambuco.



## "DE VINHOS E HOMENS"

Sarah M. Mourão Benício\*

Ao saborear pela primeira vez um cálice de "BLOSSOM HILL" RED, vinho californiano vermelho rubi, frutado, observando o alegre e sugestivo rótulo floral estampado na garrafa, perdi-me nas divagações sociais, econômicas e históricas da Califórnia contidas ali. É o bem estar sempre renovado, deixado por um maravilhoso "SILVER OAK" CABERNET SAUVIGNON do Alexander Valley, de "bouquet" intenso que sabe a baunilha, talvez o mais típico vinho californiano. Em várias ocasiões, conversando, trocando idéias sobre vinhos, ou durante as libações de inexcedível prazer, prometi a mim mesma fazer um retrospecto histórico, econômico e literário para chegar à Califórnia atual dos grandes vinhos. Continuamos a nossa curiosa incursão à enologia californiana em conversas animadas pelo "esprit-de-vin" e a alegria da certeza de bebermos excelência, em se tratando de vinho. Saboreamos sucessivamente em momentos especiais, o "CAYMUS" CABERNET SAUVIGNON TINTO da Caymus Vineyards, de aroma intenso, escuro e aveludado, o CABERNET SAUVIGNON "COASTAL" de sabor forte e marcante de Robert Mondavi. Por último bebemos um



"ST. DUNSTAN" CABERNET SAUVIGNON produzido no Napa Valley. Imaginei como todos esses maravilhosos e requintados vinhos vermelhos tinto foram arrancados do suor e do sangue dos primeiros imigrantes, que transformaram o solo árido e pobreto do deserto californiano em terra fértil, abrindo o "Golden Gate", desafiando a natureza com o seu trabalho desbravador e exemplar. A fogo, ferro e sangue, curtidos num sol flamejante, os imigrantes europeus trouxeram entre as primeiras cepas escolhidas também as de uvas "RIESLING", produzindo vinhos leves e bem balanceados que acompanham os bons momentos da vida. Conseguiram com processos de modernização, de novas técnicas de plantio, obter castas nobres e respeitadas no mundo inteiro. Processos de fabricação e maturação foram se apurando, não sem o sacrifício e a obstinação do retorno. Mas o componente histórico marcou e demarcou essa conquista.

Se voltarmos no tempo, à euforia do pós-guerra (da 1a. Grande guerra), vamos encontrar a sociedade americana mergulhada num clima insaciável de lazer sem fim. A orgia, o desperdício, o fastio pelo trabalho, a futilidade das riquezas emergentes e pouco sólidas da década de 20 fizeram com que muitos escritores buscassem um meio cultural de melhor nível fora dos Estados Unidos. Paris foi a cidade escolhida como refúgio intelectual para a "LOST GENERATION", que se reunia em torno de Gertrud Stein. Ela via nos jovens americanos uma geração desorientada, que não encontrava ainda os seus ideais de democracia. Havia um "Nouveau-Richisme" generalizado, as limitações culturais que desiludiam projetos mais ousados. Gertrud Stein imaginava a sociedade americana como uma sociedade sem raízes, confusa, sem limites e sem rumos. Chamou-a "Geração Perdida". O grupo de escritores americanos que se acercou dela em saraus literários, em discussões, produziu um dos mais brilhantes períodos na Literatura Americana, que incluiu nomes como Hemingway, Scott Fitzgerald, Sinclair Lewis, William Faulkner, John Steinbeck, dentre

outros notáveis no teatro como Arthur Miller, Eugene O'Neill. A América explodia de entusiasmo pela industrialização e a "modernidade" advinda da licenciosidade, do abandono dos bons costumes, do bom senso, das convenções do "American way of life". O consumo de bebidas alcoólicas e cigarros se intensificou, apesar das advertências do Governo. Festas orgiácas, alegres e catas faziam nascer o "Charleston" e o "Jazz" tradicional se modificou. O espírito de época fazia surgir a "Jazz Age". Respirava-se uma liberdade comprometida pela frivolidade dos gastos excentricos. Scott Fitzgerald retrata bem essa época de dissipaçao em *The Great Gatsby*.

As consequências não tardaram. A Grande Depressão de 1929 foi um evento tão traumático na História Americana quanto a guerra Civil. Sua causa imediata foi o colapso ou "crash" dos valores estocados no "New York Stock Exchange" em outubro daquele ano. Durante alguns anos que antecederam a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, os estoques eram apenas artificiais e possuíam portanto um valor à altura da sua ficção, um delírio de fortuna em papel, que aumentava mais e mais as especulações. O elemento agravador foi a Lei Seca. Gradualmente durante os "twenties"

John Steinbeck





Franklin Roosevelt

a produção real foi caindo. Primeiro, veio a crise na agricultura trazendo a escassez de grãos. Seguiu-se a crise na construção e queda na manufatura. Tudo declinava a olhos vistos. Os efeitos do desastre eram terríveis e abrangentes. Com os estoques de mercado em colapso, o dinheiro para investimento evaporou. Sem investimento, cessou a produção, desapareceram os empregos. Com salários cada vez mais baixos, havia menos gastos. As companhias tinham lucros cada vez menores, "deficit" de produção, queda de liquidez. Era o "dumping" social e cambial. Um ciclo vicioso de pobreza, desestímulo e desesperança começou a varrer os Estados Unidos. O caos. Não havendo oferta não havia procura. O fantasma da Grande Depressão!

O pavor tomou conta das mentes do povo americano. O pânico da perda, como a crva má, se alastrava mais rápido que a alegria do ganho. A economia ficou paralisada numa terra acostumada à fartura e prosperidade. Só havia papel. Papel e pobreza em larga escala. Estabelecimentos comerciais abarrotados de títulos e notas promissórias.

A energia ancestral trabalhada na Era Vitoriana, calcada na praticidade e no desejo de vencer, estava em baixa. Houve então um processo de renovação, de reabilitação da "Self-reliance" coletiva, numa espécie de "Brain-washing" em busca do Paraíso Perdido.

As primeiras soluções foram

ásperas e difíceis porque a economia americana tinha amadurecido sob um sistema de capitalismo que acreditava que toda atividade econômica era livre de intervenção do governo. De inicio o plano do Governo Americano fez pouco para reacender a economia. Porém, em 1933 o Presidente Franklin Delano Roosevelt lançou o *New Deal*, através do qual o Governo podia e devia intervir nos programas de emprego e ajuda financeira para investimentos através de empréstimos. Se este programa não foi completamente cheio de sucesso, conseguiu pelo menos reduzir a fome e o desemprego. A Califórnia era a Terra Prometida. Para lá corriam os que tivessem coragem e braços aficados ao trabalho.

Quando a 2ª Guerra Mundial começou a se alastrar pela Europa, a Economia Americana estava completamente revitalizada. E de lá vieram as massas de imigrantes trazendo novas culturas, renovando esperanças. A grande massa humana que se deslocou para o trabalho agrícola e industrial estimulou por certo a consciência de fé no trabalho, na produção de bens reais e o retorno à prosperidade. Trabalho corajoso de irrigação para trazer água às terras pocientes, sedentas e desertas da Califórnia. Vê-se como guerra e fome trazem o homem de volta à "struggle for life" bíblica anunciada no Genesis. O Homem Americano volta revigorado e confiante, pondo fim aos efeitos nocivos da Grande Depressão. Estes efeitos estão registrados na Literatura Americana de forma significante. Os vazios Anos 20 de prosperidade fictícia e riqueza aparente foram substituídos por uma cultura de pragmatismo, de solidariedade centrada no homem comum que produz, que trabalha e vive com dignidade. John Steinbeck reporta este sentimento de pionirismo. Ler a sua obra é sentir o pulsar da alma americana nos tempos de falência.

John Steinbeck nasceu na Califórnia. Sua obra literária tem tudo a ver com o espírito da época, quando expressa sua simpatia pelos explorados e pelos que necessitam de dignidade no trabalho ao domar

a terra para produzir. Naturalista, por excelência, observa a espécie humana como um todo orgânico. Descreve em *Luta Incerta* uma greve de trabalhadores na Califórnia. Mais tarde, em *Of Mice and Men* (*Ratos e Homens*), 1937, que seria trazido para o cinema e para o teatro, analisa as complexas relações entre dois trabalhadores migrantes. Mas é em *The Grapes of Wrath* (*As Vinhas da Ira*), 1939, considerada a sua obra prima, que Steinbeck relata a exploração e o sofrimento a que são submetidos os trabalhadores itinerantes e sazonais através da saga da família Joad que migra para a Califórnia atraída pela ilusão de fartura aparente e fácil. A trágica odisséia lhe valeu o prêmio Pulitzer de Literatura. *The Grapes of Wrath* tem tudo a ver com a Grande Depressão. Desterrados fazendeiros viram migrantes. A obra, apesar de refletir tendências esquerdistas, não é considerada literalmente comunista. O "pobre" da história goza de privilégios e conveniências impossíveis noutras partes do mundo, como carro próprio e a condição de se estabelecer onde quisesse. Assim, o livro criou controvérsias e amargos sentimentos nas áreas onde o povo se sentia sem representação como sói acontecer. Seu amor pela vida é uma forma muito forte, passando da história para a estória. É o culto da luta por uma vida digna e laboriosa. Jim Casy, Ministro da Igreja, a todo momento estimula a força indestrutível da humanidade.

Oprimidos sacudidos pela luta, os migrantes trabalham as vinhas de frutos advindos e maturados no sofrimento - cravam *As Vinhas da Ira*. É o homem face à aflição do desemprego dos grandes centros, mas segurando a fé no seu braço potente e no ventre da terra. Com grande sensibilidade, Steinbeck descreve conflitos familiares, sol ardente, luta intensa. Resalta o valor do trabalho e da iniciativa. Sua obra vigorosa mostra o poder de força e da coragem do desejo de produzir no confronto com a miséria e a fome. A família Joad abandona a sua terra, sua fazenda, na depressão vigente, e embarca na estrada incerta sob um sol escaldante, num velho caminhão em busca da Califórnia. No caminho mortes e conflitos se sucedem. Vem aos poucos surgindo uma cultura sofrida e renovada. O sofrimento purga o ócio indefeso e alienado, e a incapacidade de pensar a realidade como filosofia da vida.

É preciso que se faça uma releitura sobre o ciclo da Grande Depressão, sobre a obra de Steinbeck, tão antiga quanto atual. Milagre econômico e político, só se consegue com trabalho, mergulhado num banho de fé, combatendo o bom combate. E a terra é o primeiro passo. Não se come papel!

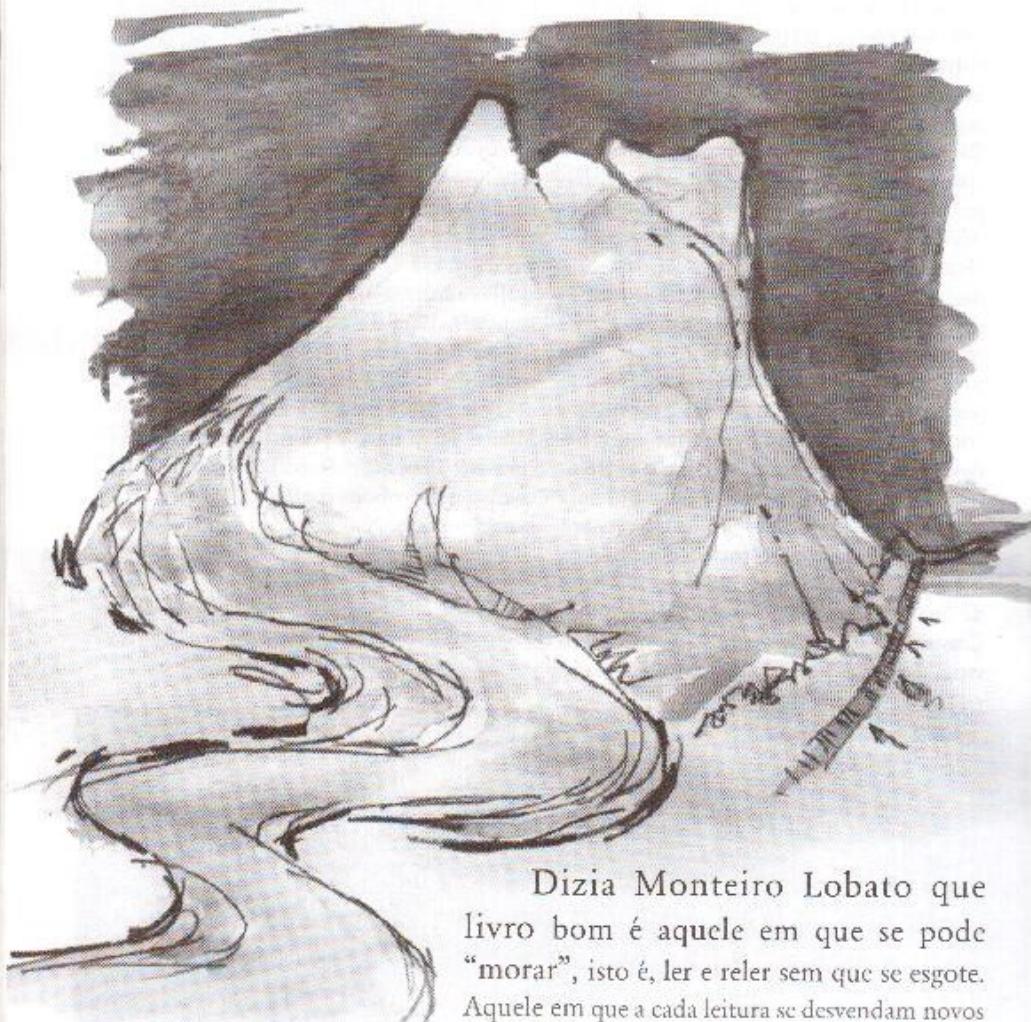
\*Profº de Língua e Literatura  
Anglo-Americana da UFPI e  
Membro da Academia de Letras do Vale  
do Longá.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1) FAWCETT, Jack B. — **AN AMERICAN READER** (Organized Anthology) — Universidade de Santos (SP) 1958 — págs. 248 a 256.
- 2) JOVANOVICII, Harcourt Brace — **ADVENTURES IN AMERICAN LITERATURE**, New York, Chicago — Volume 1 — Laureat Edition — 1963.
- 3) MAGER, Henry Steele — NEVINS, Allan — **A SHORT HISTORY OF UNITED STATES** — New York USA — 1964.
- 4) STEINBECK, John — **THE GRAPES OF WRATH** — 1968, New York.
- 5) UNIVERSITY of Oklahoma Press — **AMERICAN WINNERS OF THE NOBEL LITERARY PRIZE** — 1968.
- 6) MILLER James, E. Jr. — CARDENAS, Carlota HAYDEN, Robert — WOOD, Kerry M. — **UNITED STATES IN LITERATURE** — Medallion Edition Scott, Foresman and Company — Glenview, Illinois.
- 7) ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA — 1968 — **ENCYCLOPEDIA AMERICANA** — Americana Corporations, New York — 1979.
- 8) Notas de sala de aula (UFPI).

# RIO SUBTERRÂNEO: PERTURBADOR E INESGOTÁVEL

*Encas Athanázio\**



Dizia Monteiro Lobato que  
livro bom é aquele em que se pode  
“morar”, isto é, ler e reler sem que se esgote.  
Aquele em que a cada leitura se desvendam novos  
fatos, idéias, sensações e sentimentos, despertando o  
desejo de voltar a certos trechos para saboreá-los ainda  
uma vez. Essas anotações do taubateano me ocorrem ao

terminar de reler, depois de muitos anos, o romance Rio Subterrâneo, de autoria do escritor piauiense O. G. Rego de Carvalho, e que se encontra em sua nona edição (Meridiano – 1995). E com efeito, tal é a riqueza deste livro que se torna difícil escrever sobre ele, tanta seriam os pontos a abordar.

Antes do mais, diria que estamos frente a um escritor leito, no exercício pleno de suas potencialidades, dono da arte e da técnica de escrever. Quanto mais o leio mais se afirma aos meus olhos seu domínio dos recursos da escrita, tanto no uso dos meios e modos de dizer com arte como na colocação meticolosa da palavra exata, aquela que não admite sucedânea – “*le mot just*”. Fica a impressão de que cada vocabulário é buscado e analisado até a exaustão, num trabalho artesanal e meticoloso de construção do texto, exigindo incansável esforço e dedicação. Esse escrupuloso perfeccionismo talvez explique porque o autor só tenha publicado três livros, dentre o muito que por certo escreveu em tantos anos, mas que foram suficientes para consagrá-lo, embora desejasse, como leitor, ver outras obras suas nas livrarias. Seu estilo é muito pessoal e o uso caprichoso que faz da pontuação lhe acentua a originalidade.

A obra do escritor piauiense recende ao chão natal. Não fosse a antipatia que me provoca a palavra, tanto a usaram para definir meus contos, diria que é telúrico. A presença de Oeiras, onde nasceu, e de Teresina, onde se criou e vive, é muito forte. Pelo que conheço de minhas visitas, e não é muito, essa presença se faz sentir na geografia e na paisagem, com os rios Mocha e Parnaíba, o “velho monge”, deslizando sem cessar as suas águas, as “coroas” e os portos deste último, a vizinhança de Timon, as árvores mais encontradiças (carnaúbas, oitizeiros...) e uma surpreendente variedade de flores e frutas regionais. Também

nos costumes do povo, como uso da rede de dormir, e, acima de tudo, na linguagem cheia de nuances regionais em que se conservaram palavras e expressões caídas em desuso, como também observei em Godofredo Rangel. Isso talvez se deva à forma de colonização do Piauí, permanecendo isolado do restante do país por mais de um século após o descobrimento.

Entre as palavras mais curiosas, anotei: quinta (chácara), varciro (aquele que impõe a balsa com a vara ou varão; aqui seria balciro), estearina (matéria para fazer velas; aqui seriam de cera ou esparmacete), latada (som da água caindo nas latas), biqueiras (ponteira no telhado para escoar a água da chuva), merenda (aqui é o lanche que as crianças levam à escola; no sentido usado no livro creio que seria janta), baladeira (a nossa ceta), abeirava (aqui seria heirar ou verar na corruptela serrana), muçambê (planta desconhecida no sul, ao menos com esse nome), caburé (talvez a nossa cunha), xerém (canjica), travanca (obstáculo), miúnças (miudezas), licute (não consegui decifrar), mofumbos (desconhecida por aqui, ao menos com esse nome; planta da beira d'água), trino (trinado, trio), redemunho (forma também usada no sul), fazer sentinelas ao morto (velar), etc. Estranhei apenas a quantidade de chuvas e frios, que me pareceu excessiva, embora eu desconheça de experiência própria a realidade dos “invernos” locais mais rigorosos.

Em certos momentos o autor transcende a prosa e culmina à pura poesia, atingindo o nível de uma prosa-poética cada vez menos contradíctia. São instantes em que o leitor afasta os olhos do texto e os fixa num ponto invisível, como quem faz uma pausa para melhor absorver a sensação provocada. Alguns exemplos, colhidos ao acaso, embora fora do contexto percam muito: “Até o rio,

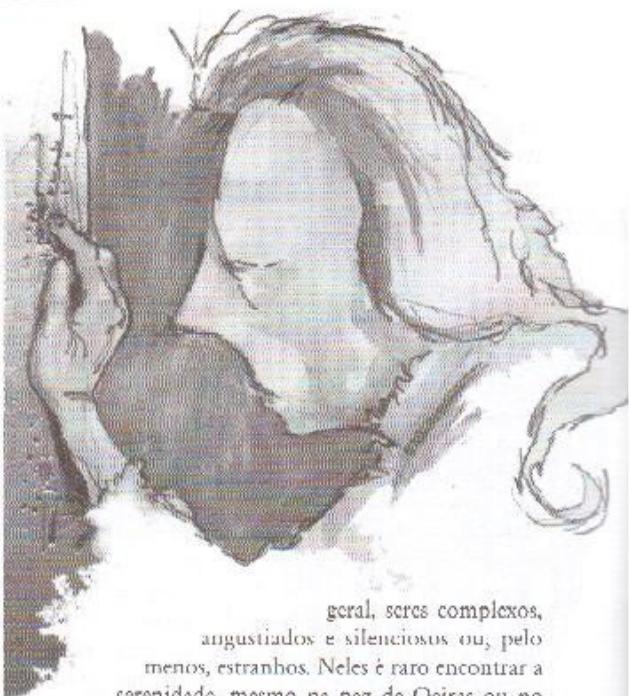
### *Os personagens do romance são, em geral, seres complexos, angustiados e silenciosos ou, pelo menos, estranhos.*

*calava o seu lamento...;*"  
"Envenenar a doçura luminosa da manhã..."; "O rio de sua infância, que o sereno da noite revestia, com uma brancura de mortalha". "A chuvinha ruim seja na fronde das árvores, e na relva", "A manhã já vem sombria, rúmida, agarrada aos restos da noite, como um fruto que demora a madurecer", "Entretanto, atrás de toda aquela brandura, a avó se debatia nas ondas do desespero, mergulhada numa corrente secreta, viscosa, assim um rio subterrâneo: álgido, escuro e assustador", "ao retornar das férias, já não gozaria deste recolhimento, desta velveta solidão feita de pedra e liso" e outros tantos.

Em outros momentos o rumo é diferente. A narrativa fluí descrevendo um espetáculo, um cenário a cores, semelhando passagens vivas e inesquecíveis de um filme. É impossível não se chocar com o olhar azul e gélido de Joana, emergindo do quarto obscuro onde a louca vivia, fazendo buraquinhas na parede (págs. 28 e 29), ou com o episódio impressionante do touro furioso que cessa as investidas para lambir o menino Ulisses no torso e nas mãos sujas de sal (pág. 71), nu, ainda, a guerra de tomates, cebolas e pimentões, que a meninada esmagava com os pés diante da professora perplexa e a reação insólita dela (pág. 75).

A narrativa de O. G. se desenvolve em dois planos - o passado e o presente. O ontém se imiscui no hoje através da memória dos personagens sem que o autor se preocupe em delimitá-los através dos recursos conhecidos, deixando-os à atenção do Leitor. Tudo se interpenetra, constituindo uma só e única realidade. Parece-me um processo aproximado ao que usa a sul-africana Nadine Gordimer em relação aos diálogos. Percebe-se ainda, no caso do brasileiro, algum memorialismo do romancista, ainda que diluído na ficção.

Os personagens do romance são, em



geral, seres complexos, angustiados e silenciosos ou, pelo menos, estranhos. Neles é raro encontrar a serenidade, mesmo na paz de Oeiras ou no bucolismo da quinta, cujo isolamento parece agravar sua instabilidade emocional. São também ensimesmados e solitários, refletindo talvez o temperamento arreio e a tendência à solidão do próprio autor. A solidão de Lucínio chega a doer, despertando o desejo inútil de ajudá-lo.

Perpassa todo o livro uma espécie de obsessão pela morte e tudo que a cerca, chegando mesmo o narrador a descobrir nela uma secreta e inesperada beleza (pág. 137).

Essas as observações que me ocorrem, ainda sob o impacto da leitura deste livro perturbador e incisivo que enriquece a romancística nacional e alarga os conceitos do gênero entre nós.

B. Camboriú, out/96.

*\*Tártaro e adrogado*

Resenha

## O ENSAIO EM TERESINA\*

Carvalho da Silva

Não podemos comentar apenas, nesta nota, a presença de um ensaísta piauiense: M. Paulo Nunes revela-se, no livro *Modernismo e Vanguarda*, muito mais do que um articulista regional. Corram-se os olhos sobre o índice: lá estão, ao lado dos nomes de Da Costa e Silva, Carlos Castelo Branco e Lucídio Freitas, os brasilienses de outras regiões: lembramos Graciliano Ramos, Hermes Lima, Machado de Assis, José Montello, Vinícius de Moraes, Mário de Andrade, Nelson Werneck Sodré... E também os nomes de expoentes de outras literaturas, entre os quais anotamos Eça de Queiroz, Vergílio Ferreira, Miguel Torga, Vargas Llosa, Sartre e Saint-Exupéry.

O livro de M. Paulo Nunes não mostra apenas a presença, no Piauí, de um ensaísta completo, rico de preocupações universais, mas também de uma arte gráfica que nada fica a dever à das grandes cidades do País. Com este livro, a Editora da Universidade Federal do Piauí prova ter condições para não temer a obra da melhor indústria bibliográfica do Sul, sem impor à obra dos escritores editados a menor aparência provinciana.

Os capítulos deste livro que, ao que parece, reproduzem artigos previamente publicados em jornais, têm sempre a vivacidade do testemunho daquilo que vai acontecendo. Mas, como nem sempre o que acontece ecoa com nitidez, pode haver casos em que a imprecisão se solidifica. Veja-se em *Modernismo e Vanguarda*, no capítulo da página 284, o trecho em que o autor, louvado certamente em boas informações, diz que

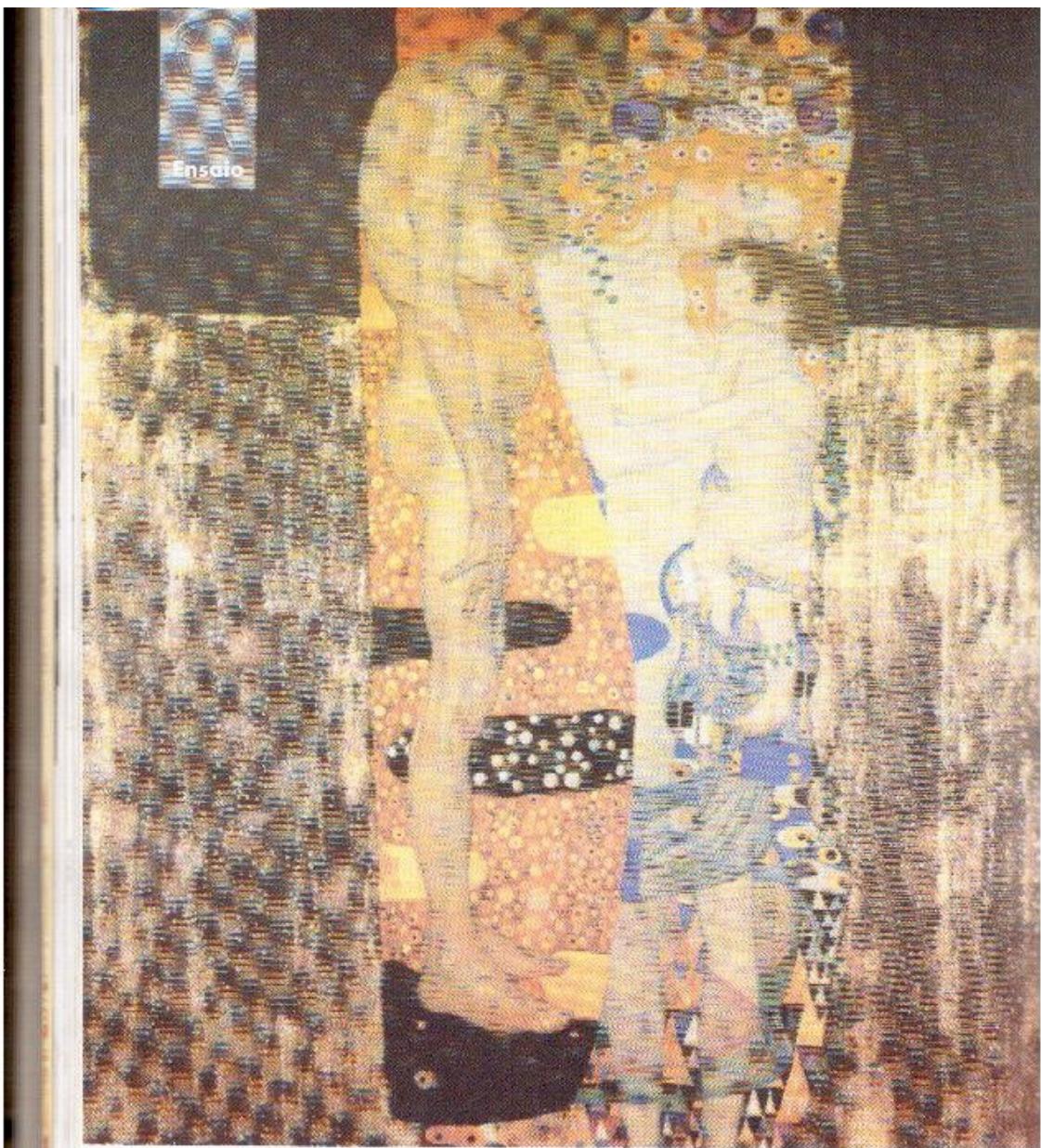
NUNES, M. Piauí - Modernismo e Vanguarda. Editora da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 1996.

Vários de leitura  
Modernismo e  
Vanguarda

Mário de Andrade, "já doente e no final de seus dias, se engajou na preparação do I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo, em fevereiro de 1945, que ele via como 'debre de finados da ditadura agonizante' (...) etc. Além dessa verdade há outra que pode ser lembrada:

Quando se preparava a queda da ditadura o velho Partido Republicano Paulista convidiu para dirigir o *Cortejo Paulistano*, seu órgão oficial em São Paulo, o jornalista Oswaldo Costa. Este, já na direção, incumbiu um repórter de entrevistar vários intelectuais sobre o planejado Congresso Brasileiro de Escritores. Numerosos foram ouvidos e, entre eles, Jourival Gomes Machado, Antônio D'Ella, Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Carlos Burlamaqui Kopke e, salvo erro de memória, Mário da Silva Brito. Todos mostraram entusiasmo pela realização do Congresso; mas, quando chegou a vez de Mário de Andrade, o caso foi diferente: O escritor, que atendeu o repórter com frieza, mostrou-se pessimista, pois o governo ainda estava muito forte... É provável porém que, participando do Congresso, tenha adquirido o empenho que antes lhe faltava. É justo lembrar que Mário nunca foi "estado-novista", como jamais o foram Sérgio Milliet, Paulo Duarte e Osmar Pimentel. O Estado Novo teve simpatizantes entre Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e muitos pequenos literatos cujos nomes é hoje difícil lembrar.

\* (Revista de Poesia e Crítica, outubro - 1996 pp. 84-5)



# ENVELHECER

## UM ATO DE DIGNIDADE

*Maria das Graças Targino\**

Começo a envelhecer. Estou no grupo das denominadas "mulheres de meia idade", onde aliás, a bem da verdade, quando jovem, nunca imaginei pertencer. E não tem sido fácil. Sinto como nunca como é difícil ser gente e ser livre. Quando crianças, estamos sujeitos à tirania dos pais. A adolescência chega e com ela a obrigatoriedade de viver a vida que nossos pais gostariam de ter vivido. Apaixonamo-nos. Amamos. Casamos. E mudamos de presídio. Chega a tal meia idade. Chega a velhice. E o cerco continua. Os papéis se invertem. Agora são os filhos que cobram a maneira de se vestir, de se portar, de se pentear. Não há liberdade. Cada idade tem sua própria luta. Sua própria beleza. Seus próprios encantos. Seus próprios desencantos. A diferença cruel é que não nos apercebemos disto. Quando resolvi conversar com vocês, de imediato, veio à tona, uma crônica por mim escrita:

*"Os anos passando. A minha tristeza que a princípio era criança tímida, pequenina, frágil, foi dicitando raízes pelo corpo inteiro, invadindo todas as células, saindo pelos olhos e deles se incorporando ao mundo todo que meu olhar alcança.*

*"As rugas... Não percebi quando surgiu a primeira. Num dia qualquer, lá estavam elas - traíçoeiras, zombeteiras, mas verdadeiras. Através delas senti o passar dos anos e a desesperança do amor eterno (que não oscila e nem vacila) se fez presente.*

*"E aqui estou - exausta das surradas frases de amor, cansada de viver, surpresa diante da crudidade da vida, morrendo aos poucos, buscando Deus, procurando um sentido de viver, buscando ardente mente um momento de paz..."*

O que parece escrito por alguém com mais de 50, 60 ou 70, foi escrito por alguém de apenas 28 anos. O que isto significa? As rugas existem quando nossa alma está dolorida. A desesperança existe quando você permite sua entrada no coração. Ademais, o

que este trecho bem evidencia é que a dimensão da velhice é algo dado por nós, em cada estação da vida. Aos 7 anos, alguém com 20, nos parece um "velho". Aos 20, alguém de 40 é "ancião". Aos 40, começamos a redimensionar valores. Ai então alguém que se vai com 50, em nossa opinião, morreu muito cedo e assim vai...

Entretanto, não adianta negar a velhice. Dizer "ser velho é ser velho de espírito", "fidalgo tem alma de jovem" é tolice. É tentativa vã de negar que a velhice existe. A velhice faz parte do ciclo da vida. E não significa perda de dignidade e de vontade de vencer, amar e brilhar. Brilhar, com a luz própria desse estágio da vida. Isto porque há dois tipos de velhice. Um é essencialmente biológico. É o cansaço maior. É correr atrás da bola e perdê-la para o adversário distante. É a dificuldade de orgasmo. É a dificuldade de criação. É a memória fugidia. É a celulite. Os seios flácidos. As pequeninas manchas da pele. É o inevitável. Pesquisadores se esforçam buscando encontrar substâncias capazes de bloquear o processo de velhice. Teorias se esforçam por entender as causas de envelhecimento. Por enquanto, uma única certeza - a velhice biológica é inevitável, ainda que, hoje, a decadência física não seja tão inexorável quanto outrora. As lentes de contato devolvem a visão perfeita que nos deu deuses. Aparelhos aumentam sons já não tão perceptíveis quanto antes. Cirurgias, remédios e substitutos permitem a sobrevida dos antigos "condenados". Estrogênios

tornam possíveis atrativos e exercícios sexuais que a mente idealizava e o corpo não mais atendia, a tal ponto que concordo com o ditado que diz: "Se o seu médico acha que é natural da velhice a debilidade, a impotência ou algo parecido, mude imediatamente de

*médico".*

Ao lado desse primeiro tipo de velhice, está a velhice essencialmente social. E é contra esta que podemos e devemos lutar. O velho é marginalizado e oprimido. São fenômenos sociais que favorecem a marginalização e opressão. O cidadão é velho não tanto porque o seja na idade, nas artérias, nos ovários, na vagina ou nos testículos, nos músculos ou nos neurônios, mas sobretudo o cidadão é velho porque assim é decretado. É a sociedade que diz que velha só ama netos e repudia homens. A este respeito, é muito lindo o exemplo de dois casais piauienses que residem na Vila do Ancião. Dois casais que se

descobriram para viver um novo amor. José Prudêncio dos Santos, 81 anos, Laura Mendes, 59; Cícero Vitor Vieira, 62, Acclina de Sousa, 67. Os quatro, entre uma frase e outra, confessam que seus corações disparam antes da madrugada com o cantar dos pássaros... Na verdade, o cantar dos pássaros é só um pretexto para disfarçar a alegria que é acordar, quando se tem um grande amor para cuidar, viver, esgotar. Alguém pode questionar. Pura ilusão. Pode ser. Como também pode ser um casamento que se faz aos 16, 20, 30, 40 anos...

Insisto. Sem negar toda a patologia somática da velhice, esta é essencialmente um fato social. E compete a cada um de nós escolher o tipo de velho que se quer ser. E vou mais além. Ouso afirmar, talvez para

*espanto de alguns, que é preferível ser um velho ridículo aos olhos dos outros do que um velho acabrunhado aos seus próprios olhos.* A verdade que alguns de nós e talvez, poucos, assimilamos ao longo da vida, que nos diz - "Se você quiser evitar a censura, a crítica, não diga nada, não faça nada, não seja nada" - deve ser revista por todos nós - aqueles que como eu, caminham para ela, aqueles que já chegaram a ela. Para que? Para que não sintamos o medo do ridículo ao tentar usufruir as alegrias que a vida pode nos dar e nos dá, na realidade, nem que seja, de vez em quando...

Por tudo isto, não adianta arrancar os ponteiros do relógio. O tempo não perdoa. Não briguem contra o tempo. Não reclamem, como eu própria o faço, de vez em quando, das horas que correm, dos dias que passam, dos anos que se esvaem. Tentem viver como se cada dia fosse, não o último, mas um dia único de sua vida. Aliás, isto não deve soar como conselho. Ninguém deveria falar sobre a velhice, sem vivê-la, exercitá-la. De tal forma, que se sintam mestres. Vocês todos poderiam estar e talvez devessem estar aqui. Muito mais do que eu, vocês teriam coisas interessantes para relatar, experiências vividas para narrar.

Retomo, agora, a concepção aqui



sustentada de que sobre uma matriz biológica de envelhecimento, a sociedade define e impõe um padrão psicosocial de velhice. O velho se julga velho e é julgado velho. Julgando-se velho, comporta-se como tal e faz com que seja assim considerado dentro do seu meio. Considerado velho pelo meio, é induzido, de forma até inconsciente, a assumir o papel e a postura de velho, numa tentativa de corresponder às expectativas, comportando-se, então, como esperam que ele se porte. Intimida-se diante da vida. Risco do seu dicionário a palavra ousar. Do seu coração, a palavra paixão. Do seu viver, a expressão "grandes emoções". E passa a viver a vida dos filhos, dos netos, dos sobrinhos, dos bisnetos, enfim, de quaisquer outras pessoas... Este velho. Este, sim. Merece piedade. Não consegue mais ser e se contenta em não ser. De fato, como afirmo com frequência, todos nós nos surpreendemos com o que ainda somos capazes de ser, no momento em que superamos o medo de ser.

Não é necessário ser gênio para "curtir" a vida, após certa idade. Mesmo porque o que faz as pessoas serem consideradas "geniais" é seu interesse real pela vida, em toda sua complexidade. Interesse que o faz relegar o envelhecimento do corpo. Interesse que quer dizer paixão. Paixão por alguém. Paixão por um ideal. Paixão. Paixão firme que transcende o cotidiano massacrante do dia-a-dia, e que faz com que valha a pena viver para levar adiante tal paixão. Isto é, a velhice não significa só restrições de ordem corporal. Tem suas vantagens. Significa riqueza de experiências, no sentido de que é possível enxergar a vida por outro ângulo. Às vezes, mais divertido, mais amplo, menos comprometido, mais tolerante.

Com saúde relativamente boa, vale a pena viver muitos anos. No entanto, viver muitos anos nada mais é que acrescentar anos

à existência. E isto não é tudo. Aqueles que gozam do privilégio de atingir idade avançada, devem desfrutar de plena integração social, sendo úteis, e por conseguinte, merecendo o respeito dos que os cercam. A utilidade do velho determina a atitude da sociedade para com ele. *Por um lado*, uma situação de produtividade limitada ou de improdutividade, pela qual ele se torna um fardo. *Por outro lado*, os anos conferem aptidões que podem transformar o velho em um cidadão extremamente útil. As lembranças que guarda permitem reconstituir histórias de vida, histórias de cidades e até países. A experiência acumulada merece respeito. Sendo útil, podemos todos nós, exercitar o direito da cidadania e viver com dignidade. Dignidade, na acepção de respeitabilidade, de respeito a si próprio. Brío. Orgulho de existir. Tudo isto leva a crer que a utilidade do velho determina a atitude da sociedade para com ele.

Até porque o processo de vida é, no mundo atual, tão estressante, tão desgastante, que o indivíduo pode alcançar o limiar do que chamam velhice, sem ter tido tempo para responder a pergunta crucial: "*O que eu vou ser quando envelhecer?*" Ora, vou ser simplesmente um velho, uma velha. Mas ser velho não é um fato simples. Ser velho não é viver um estágio de vida tranqüilo. Muito

pelo contrário. Para muitos, é a hora de revisão de vida: "*Que fiz com minha própria vida?*" Aliás, fazendo um parênteses, para quem lamenta seu próprio viver, é sempre tempo de recomeçar, contrariando Adélia Prado, aquela poeira que se descobriu poeira e gente quase aos 50 anos, trocando panela por caneta, fralda por livro, que diz, em seu poema *Trégua*: "*Hoje estou velha como quero ficar. Sem nenhuma estridência. Dei os desejos todos por memória e rasa xícara de chá.*" Não. É preciso prosseguir com suas estridências,



seus anseios, metas e vontades. Não guardem seus desejos, não os dêem todos para a memória.

De qualquer forma, o adulto deve ser preparado para a velhice, como se prepara a criança e o adolescente para a vida adulta. Na maioria das vezes, essa preparação restringe-se ao aspecto financeiro. Um seguro. Uma aposentadoria. Um plano de saúde. Mas se construir a velhice é tão-somente preparar uma casa para morar e um rendimento que permita comer, vestir, pagar médicos, quando chegar o momento, poderá apenas orgulhar-se de sobreviver. Mas estará morto como ser humano. Fracassado como pessoa. Verdade que o aspecto financeiro não pode ser esquecido. Até porque a situação da velhice no mundo de hoje é um escárnio. É também um escândalo. Não que seja pior do que antes. A diferença é que, na atualidade, os meios de comunicação (independente dos aspectos negativos que possam ter), ajudam a denunciar o estado de miséria a que muitos dos nossos velhos são condenados. Aliás, buscando ser verdadeira, sem querer ser cruel, afirmo que a sociedade não é mais impiedosa com os velhos do que com todos aqueles de quem não necessita ou pelo menos julga não necessitar, tais como: as crianças abandonadas; os portadores de deficiências físicas, os delinqüentes. Com o agravante: no caso do indivíduo da terceira idade, cada membro ativo e orgulhoso de nossa sociedade que ainda, mesmo por omissão, opõe a velhice, para ela caminha, como o previsto pelo piauiense Joaquim dos Velhos, que usa para divulgar seu trabalho no Abrigo São Lucas, a máxima: "Hoje jovem, amanhã ancião, ame-o como você gostaria, um dia, de ser amado".

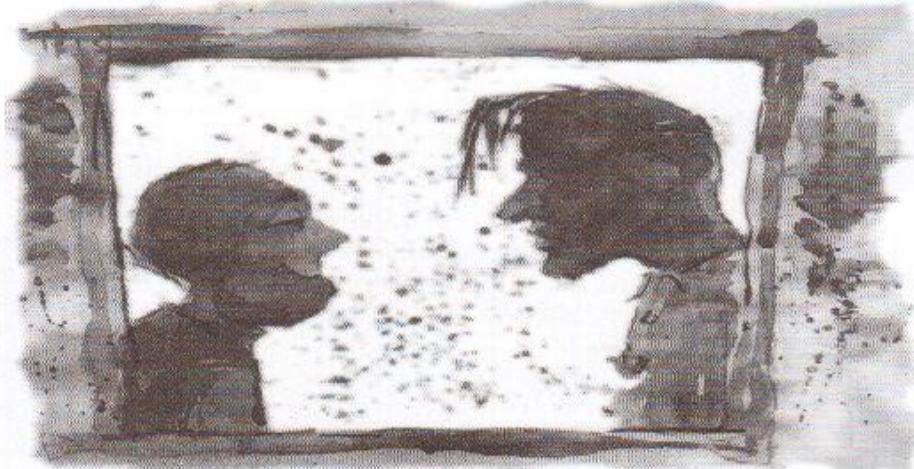
E tem mais. Há um outro agravante. Velhos e velhas também contribuem para a própria marginalidade. Ao adotarem a tutelagem, fogem de responsabilidades. Abrem mão de seu prestígio pessoal, de seu *status*, do seu reconhecimento social, da possibilidade de continuar sendo. Deixam de lado a certeza inexorável que deve acompanhar-lhos: ser velho é lutar para continuar sendo gente; sendo útil;

sendo céu; sendo mar; no contexto de uma sociedade que os quer alienados, dependentes e passivos.

Aliado, em suma, que muitas pessoas sonham com um remédio "mágico" que prolongue a vida, mantenha jovem o corpo. Plásticas tornam-se mais e mais comuns. Academias de ginástica passam a ser freqüentadas por coroas e "cordões". Tudo válido. As pessoas devem buscar o seu próprio caminho. Devem acreditar em algo. Devem tentar. No entanto, é preciso questionar: "O que se pode esperar de uma vida prolongada indefinidamente? O que fizemos com mais e mais anos de vida?" Isto porque nada permanece ou é para o resto da vida, exceto o total da morte. Se, algumas vezes, sentimos que já nos falta tempo para viver todos os sonhos não vivenciados, em vez de alimentar o medo que todos nós sentimos diante do fato irreversível de não ser mais jovem, é necessário manter a chama da vida e compreender que "morrer é preciso". Esta é a dinâmica própria do universo. As coisas e os seres humanos estão em permanente movimento de mudança. Morrer significa viver, consolidando a previsão do famoso poeta Fernando Pessoa ao afirmar: "Tem só duas datas: a de minha nascença e a da minha morte. Entre uma e outra causa todos os dias são meus". Ou seja, ao mesmo tempo que admite a morte como acabamento final e inevitável, ao afirmar "todos os dias são meus", o poeta convida a todos para viver uma vida plena, consciente do fato de que toda realidade esgota-se por ela mesma e que a próxima realidade surge de suas entradas. Isto quer dizer que tudo que existe traz em si mesmo o germe que o destruirá. Só que o sentido de destruir não significa fim. Significa mudança. A morte do velho para que o novo surja dele mesmo. Estar disposto a crescer é, antes de mais nada, estar disposto a morrer. Temos que morrer para que outros possam viver. Reconheço, no entanto, que o difícil é confiar nessa morte e no que ela pode nos trazer.

Mas, a única maneira de se aceitar a morte com tranqüilidade é a de se ter vivido

uma vida proveitosa, de escolhas verdadeiras, de amor dado e recebido, de realizações que extrapolam as questões financeiras, para representarem conquistas interiores, de reconhecimento de si mesmo, de aceitação de si mesmo, tanto quanto dos outros. Envelhecendo com dignidade, respeitando as regras do convívio social com a observância dos critérios mínimos aprendidos ao longo da vida sem temor, partimos para a compreensão de que somos todos meros viajantes, como descrito abaixo:



*"Um viajante que se perdera na floresta viu-se sozinho em meio ao cair da noite e saiu procurando um abrigo. Encontrou uma pequenina casa onde vivia um velho. Explicou sua situação e o velho gentilmente ofereceu sua casa para que lá ele pernoitasse. Quando entrou, o viajante pôs a mala no chão e surpreendeu-se com a pequenez da construção. Naquela diminuta casa, além de um velho fogão de barro, só havia uma cama, uma mesa e uma cadeira. Sem esconder a incredulidade, o viajante perguntou ao velho se ele vivia ali mesmo. O velho, (percebendo a surpresa do viajante) indo além da pergunta, respondeu que não precisava de mais nada do que realmente precisava. Mas o viajante, curioso, insistiu em saber como ele se virava com tão poucas coisas. O velho apontou para a mala no chão e disse que ele devia saber pois tinha poucas coisas.*

*— Mas eu estou só de passagem... - sorriu o viajante, muito lógico.*

*E o velho respondeu:*

*— Eu também?"*

(Adaptação da palestra proferida no Serviço Social do Comércio - SESC, Teresina - PI, 20 jun.1996.)

\* Doutoranda em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília - DF; Professora da Associação de Ensino Superior do Piauí.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TARGINO, Mário G. Travessia. *O Estado*. Teresina, 21 mar. 1981.

KELMER, R. *Quem Apagou a Luz?* 2. ed. Londrina: Universalista, 1995. 223p.

# AS PEDRAS DA PEDRA DO SAL

Alcenor Candeira Filho\*

Ó Pedra Gigante  
da Pedra do Sal!  
Ó Pedra do Siso  
da Pedra do Sal!  
Ó Pedra da Gruta  
da Pedra do Sal!

(A.C.F.)

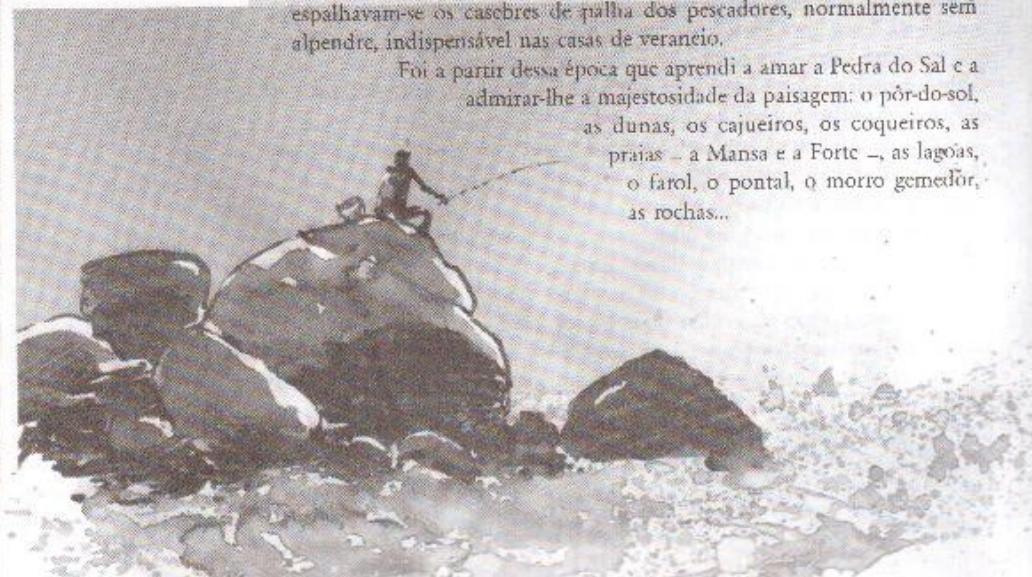
Quando criança, costumava passar as férias de julho na Pedra do Sal, localizada na ponta do litoral piauiense, na foz do rio Parnaíba.

Na época, década de 50, não havia ponte nem estrada interligando o centro da cidade ao pequeno arraial de pescadores. Percorriam-se a pé, a cavalo ou de jipe, os dezoito quilômetros de areal.

O lugarejo não apresentava qualquer sinal de civilização. Alumbramento total: mar, areia, pedra, peixe. Peixe cozido na lenha, peixe frito no carvão. Pés na areia, no sal, na pedra. Delícia. Nada de jornal, telefone, televisão. Água de cacimba para beber e para tirar o sal. Luz de vela, de lamparina, de candeeiro, de petromax.

As casinhas de veraneio, todas de barro e cobertura de palha (comenta-se que a Delegacia do Serviço do Patrimônio da União proibia o uso de tijolos e telhas por se tratar de zona marítima de interesse militar em caso de guerra), enfileiravam-se em frente do mar da Praia Mansa, numa extensão não superior a um quilômetro. Por trás delas, espalhavam-se os casebres de palha dos pescadores, normalmente sem alpendre, indispensável nas casas de veraneio.

Foi a partir dessa época que aprendi a amar a Pedra do Sal e a admirar-lhe a majestosidade da paisagem: o pôr-do-sol, as dunas, os cajueiros, os coqueiros, as praias – a Mansa e a Forte –, as lagoas, o farol, o pontal, o morro gemedor, as rochas...



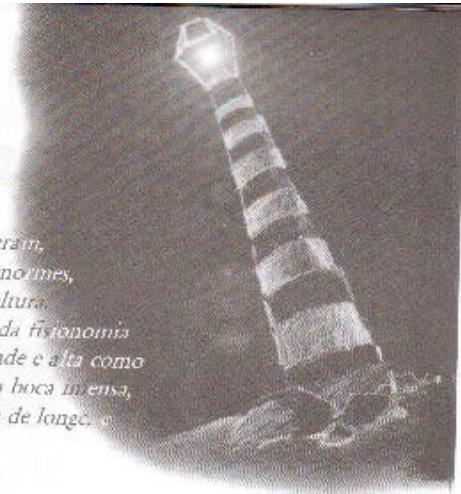
Humberto de Campos, nas Memórias, reportando-se ao ano de 1895, quando passou três meses com a família na Pedra do Sal, lembra que

*"a maior curiosidade do lugarejo marítimo eram, entretanto, os seus rochedos. Havia pedras enormes, de feitiços bizarros, de dez e mais metros de altura. Algumas constituíam, mesmo, a reprodução da fisionomia humana. E eu ainda me lembro de uma, grande e alta como uma casa, que possuía dois olhos, e nariz, e a boca imensa, rota em uma das extremidades. A onda vinha de longe, atirava-se à cara do monstro."*

A exemplo de Humberto de Campos, o que mais me fascina na Pedra do Sal são as rochas que em verdade já não ostentam o tamanho que tinham no passado, porque parcialmente soterradas. Algumas são conhecidas (ou eram?) pelo nome: a Pedra da Gruta, que abrigava uma pequena imagem de Nossa Senhora, em torno da qual, em desalinho, minúsculas e toscas peças de madeira-braços, mãos, pernas, pés – ali depositadas em retribuição às graças alcançadas; a Pedra do Sino, que encantava a garotada por produzir som metálico quando tocada por outra pedra; e a mais imponente de todas – a Pedra Gigante, com o formato de rosto humano, em cuja boca enorme só chegavam os mais afiados.

A respeito da Pedra Gigante, referida por Schwennhagen como “uma grossa pedra esférica, que os pescadores denominavam de globo”, e comparada por Humberto de Campos à “cara do monstro”, ouvi na infância fantásticas estórias narradas por pescadores, principalmente Antônio Severo, o maior contador de “causos” no lugarejo. A Pedra Gigante – meninos, eu ouvi! – é, além de encantadora, encantada. Coisa de meter muito medo. Quem duvidar, que nela suba à meia-noite.

O especial carinho que tenho pelos rochedos do litoral paraibano se reflete nos versos do soneto Pedra do Sal, que inseri no livro A Insônia da Cidade:



Ser pedra certamente não é uma boa  
se de forma especial pedra que não se move  
e que a resplandescência não tem das preciosas.  
Mas quando as pedras fito da Pedra do Sal,

Ser pedra certamente não é uma boa  
se de forma especial pedra que não se move  
e que a resplandescência não tem das preciosas.  
Mas quando as pedras fito da Pedra do Sal,

airosamente imóveis e silenciosas,  
todo o tempo cravadas nágua azul de sal  
(soluareia e estrelas ao redor da qual),  
– aceito como boa a condição de pedra.

Os que me pisam piscam olhos alumbrados,  
os que me pintam pedem a eternidade,  
os que me sentam sentem o impeto da volta.

De mim, à vará, pescam-se peixes dourados  
que espargem pela praia, onde a onda quebra,  
escumas e escamas que atraem gaivotas.

*Professor universitário, membro da Academia Piauiense de Letras e da Academia Paraibana de Letras*

# PRESERVAR A LAGOA DO PORTINHO

Francisco Pereira Filho\*

Após a passagem do dia mundial do meio ambiente, no dia 05 de junho, queremos trazer mais uma vez à tona o descaso por que passa a lagoa do Portinho, em Parnaíba, um dos mais belos cartões postais do estado do Piauí.

Podríamos mesmos asseverar que grande parte do patrimônio ecológico estadual, no litoral piauiense, agoniza aceleradamente: o manguezal padece de desmatamento irracional, com madeira sendo cortada para construção civil, áreas desmatadas para atividades de rizicultura ou corre de lenha para energia doméstica. O mangue desponta como uma espécie de maternidade natural para a perpetuação de espécies marinhas sendo, inclusive, o habitat natural de caranguejos, uma das principais fontes de renda de centenas de famílias do litoral piauiense. A lagoa do Bebedouro, outro belo presente da natureza à gente parnaibana, transformou-se em enorme depósito de lixo, sobrevivendo ao tempo sem usufruir de qualquer política de proteção ambiental e as dunas, vitimadas principalmente pela



Vista da lagoa do portinho

superpastagem, pela especulação imobiliária e pelas constantes estiagens que ameaçam o equilíbrio ecológico na região, converteram-se em fonte de ameaça a residências, agricultura, vegetação nativa e à encantadora lagoa do Portinho. As dunas representam um fenômeno

natural em toda costa brasileira, funcionando como aquífero e filtro natural das águas produzidas pela natureza, marcando presença desde o Rio Grande do Sul até o estado do Maranhão, onde ganham notoriedade internacional através dos famosos lençóis maranhenses.

O ecossistema lagoa do Portinho, uma das maiores riquezas do patrimônio natural do Piauí caminha, implacavelmente, para sua extinção. São mínimas as condições de vida na lagoa. A movimentação das dunas, o lotamento inconsistente da área, a inexistência de programas de educação ambiental que possa prevenir a poluição, a presença antrópica do homem e as suas obras de urbanização há pouco tempo realizadas pelo Governo do estado, visando o ordenamento da atividade turística na região, não respeitaram a fixação das dunas em torno da lagoa, o que fez precipitar tragicamente o processo antrópico do ecossistema, inclusive com a destruição da vegetação responsável pelo controle natural de fixação das dunas.

A permanecer o ritmo atual de avanço das dunas, brevemente a estrada asfaltada que dá acesso à área será definitivamente interditada, o que culminará em enorme prejuízo para a atividade turística e para a própria preservação da lagoa.

A vida do Portinho como de qualquer outra lagoa não é infinita. Independentemente da ação humana, ela tende a desaparecer mais cedo ou mais tarde em função de fatores como situação geográfica, tratamento e profundidade. A presença deletéria da ação humana pode também acelerar o processo de destruição do ecossistema.

O projeto de urbanização há cerca de dois anos ali executado não levou em consideração uma metodologia de fixação das dunas que contemplasse as ações preventivas, corretivas e sócio-econômicas.

Entre as ações preventivas, não poderiam ser esquecidas aquelas orientadas para disciplinar os passeios de bugres, o pastoreio, impedir a retirada de materiais para construções e aterros e aquelas destinadas à proibição do

desmatamento em geral.

Entre as ações corretivas, a realização de estudos complementares sobre a flora, a fauna, a taxonomia e poder de fixação das dunas, distanciamento em relação ao mar; definição de espécies vegetais exólicas e nativas para plantio e outras técnicas como trincheiras, argilas, galhos, palhas e cercamentos não poderiam deixar de ser levadas na devida consideração. Para o aproveitamento sócio-econômico, seria de bom senso reflectir-se sobre a cultura de mandioca e outras permaculturas como o caju e o coqueiro.

O projeto de urbanização em funcionamento na lagoa do Portinho não contemplou na prática iniciativas óbvias como sinalização indicativa de áreas, distribuição e fixação de coletores de lixo, fiscalização e proibição de queimadas, arborização, delimitação de áreas para uso de "Jet Ski" e o deslanchar de um consistente e permanente curso de educação ambiental para proteção, utilização responsável e consciente do ambiente.

Urge, portanto, interessar órgãos como Ibama, Fundação Rio Parnaíba, Secretaria Estadual do Meio Ambiente, Universidade Federal, Prefeitura de Parnaíba e Curadoria do Meio Ambiente, especialmente este último, sobre o convênio firmado pelo Governo do estado do Piauí quando há dois anos se comprometeu com a elaboração e execução de projeto para fixação das dunas do Portinho, em função do desembargo das obras exigidas pelo Ibama no convênio.

A lagoa do Portinho não está a instar por maquiagem, antes de tudo ela está a clamar por vida e por oxigênio para continuar subsistindo.

Que o Governo do estado do Piauí faça a sua parte.

Que a Curadoria do Meio Ambiente reveja seus arquivos e faça valer a lei. A lagoa do Portinho está agonizando.

\*Prof. da Universidade Federal do Piauí e membro do Conselho Estadual de Cultura.



Poesia

# HARDI FILHO

Nascido a 5 de julho de 1934, em Fortaleza, CE; filho de Francisco Hardi e Maria de Lourdes Hardi; casado com Adélia Gomes Parente Hardi; 7 filhos. Autodidata. Servidor público federal (funcionário do IBAMA) Jornalista (DRT-PI, registro nº 592). Detentor de vários títulos e distinções, entre os quais: membro fundador do Círculo Literário Piauiense e da União Brasileira de Escritores do Piauí; sócio correspondente das academias Sobralense de Estudos e Letras e Taguatinguense de Letras; delegado do Piauí junto à Société des Poètes et Ecrivains Regionalistes, de Nîmes - França; medalha do Mérito Cultural Lucídio Freitas, API; Intelectual do Ano, 1989 (troféu Fontes Ibiapina, UBE-PI); membro efetivo da Academia Piauiense de Letras; diploma do Mérito Jornalístico (Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Piauí, 1996). Cidadão Honorário do Piauí (título concedido pela Assembléia Legislativa, este ano).

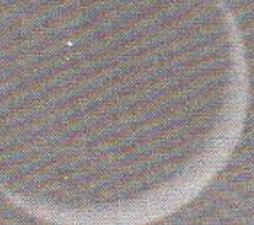
Longa colaboração em jornais, livros e revistas; inúmeras participações e citações em trabalhos de terceiros, em biografias, antologias, e dicionários (inclusive A Encyclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânia Coutinho e J. Galante de Souza); presença assídua em comissões julgadoras e conselhos editoriais.

Obras publicadas: Cinzas e Orvalhos (1964); Gruta Iluminada (1970); De Desencanto e de Amor (1983); Teoria do Simples (1986); Poesia e Dor no Simbolismo de Celso Pinheiro (1987); Suicídio do Tempo (1991); Oliveira Neto (1993). Como disse desse poeta o crítico M. Paulo Nunes, "percorre Hardi Filho desde os temas mais simples ou da vida cotidiana e sua vida simples é uma lição diária de poesia – até os grandes motivos da poesia, que são os do amor e da morte".

"Suicídio do Tempo é um livro de verdadeiro poeta. Nele se evidenciam, facilmente, o domínio da linguagem, riqueza de imagens e de sentimentos, o Amor sobretudo, aflorando nos delicados poemas, emocionando o leitor.

Os sonetos merecem destaque especial. Puxa, meu poeta: um dos melhores sonetistas que tenho lido, sem dúvida!" (Cleonice Rainho - Juiz de Fora - MG)





## *NOSSA PRESENÇA*

*Minha presença em ti se fez, se faz  
ainda, e refletida em nossos filhos,  
eu sei, vai muito além dos estribilhos  
e do esplendor de uma canção de paz!*

*Tua presença fez-se em mim, em brilhos,  
e faz-se ainda como anos atrás;  
e tu bem sabes que ela satisfaz  
e minha vida livra de empecilhos.*

*Nesta presença assim juntos,nós dois  
somos o amor de sempre, o amor total,  
amor em tempo de hoje sem depois.*

*... Depois será depois, depois será  
o sol, a lua, o chão por sobre o qual  
um lindo céu de ausência se erguerá!*

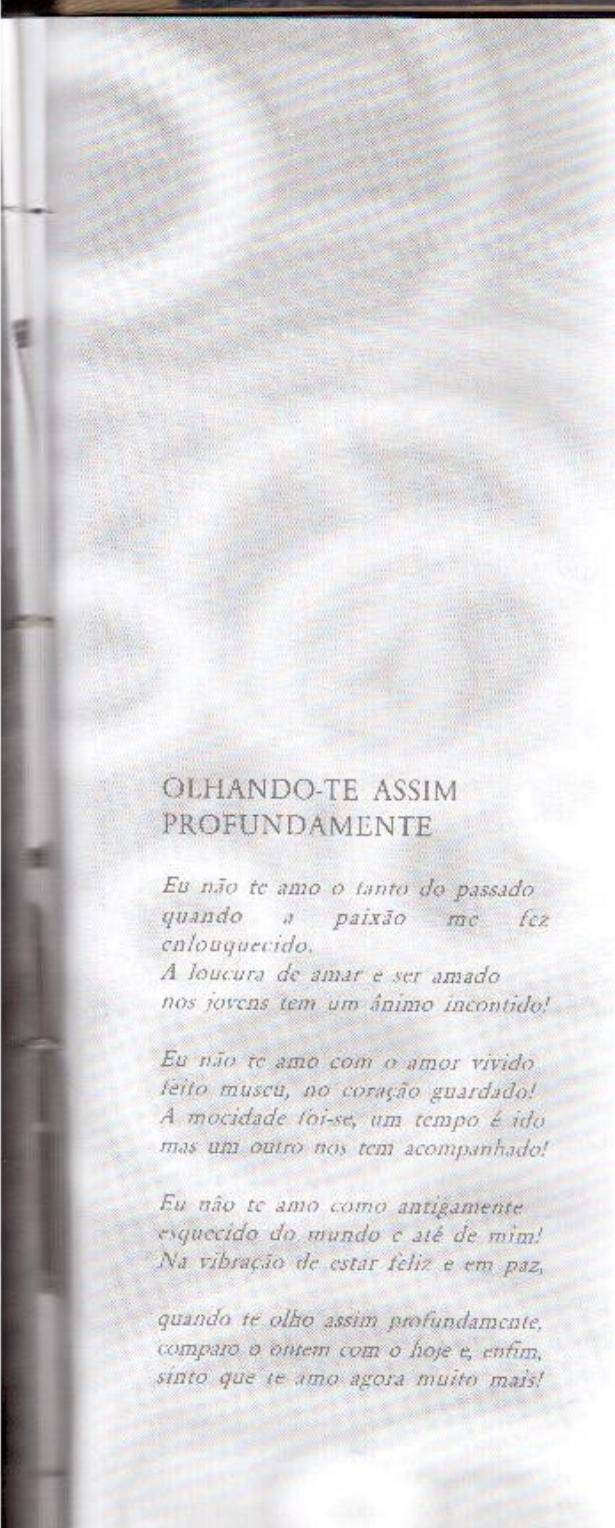
SE...

*Se o nosso amor um dia terminasse  
sei que, a partir desse tristonho dia,  
em tua face a dor se estamparia,  
a dor se estamparia em minha face.*

*A se acabar um dia esta harmonia  
era melhor que o mundo desabasse.  
Na vida o amor a todo instante nasce,  
mas outro igual ao nosso nasceria?*

*Dos rigores do tempo posto à prova,  
achando em tudo uma alegria nova,  
que o nosso amor por todo transe passe*

*e continue... Porque ninguém creria  
no terrível desastre que seria  
se o nosso amor um dia terminasse!*



## EU PRECISO DE TI

*Eu preciso de ti como preciso  
do ar que se respira, da bonança  
da água de beber, da segurança  
do chão - que leva a ti - por onde  
piso.*

*Eu preciso de ti, do teu sorriso,  
dos teus gestos de fé e de esperança!  
Eu preciso de ti, como a criança -  
de proteção, e o trânsfuga - de fúzio.*

*Eu preciso de ti quando me deito  
pois a noite contigo é sem deserto!  
Eu preciso de ti quando levanto*

*todos os dias para a indecidida  
luta, pois contigo a vida é mais vida  
e o mal do mundo não me fere tanto!*

## OLHANDO-TE ASSIM PROFOUNDAMENTE

*Eu não te amo o tanto do passado  
quando a paixão me fez  
enloquecido.  
A loucura de amar e ser amado  
nos jovens tem um ânimo incontido!*

*Eu não te amo com o amor vivido  
feito museu, no coração guardado!  
A mocidade foi-se, um tempo é ido  
mas um outro nos tem acompanhado!*

*Eu não te amo como antigamente  
esquecido do mundo e até de mim!  
Na vibração de estar feliz e em paz,*

*quando te olho assim profundamente,  
comparo o ontem com o hoje e, enfim,  
sinto que te amo agora muito mais!*

## MARIA BRAGA HORTA

Para quem teve uma vida tão cheia de andanças pelo interior de Minas e de outros estados, além de ser mãe de família, a poeta Maria Braga Horta (ela não tolerava a palavra poetisa) produziu importante obra poética, agora reunida no livro póstumo Caminho de Estrelas, pela mão sábia de seu filho, o também grande poeta Anderson Braga Horta. Esposa do não menos poeta Anderson de Araújo Horta, sua vida foi tão plena de gozo e sofrimento quanto pode ser uma vida humana. Tudo em silêncio e em poesia. Os mineiros são calados mas trabalham. Começou parnasiana em 1925, aos doze anos de idade. Recebeu vários prêmios, foi elogiada por grandes poetas como Drummond. O soneto foi a forma onde melhor e mais constantemente se expressou. Mas praticou outras formas, afinada com o modernismo e seus experimentos. O amor é seu principal motivo, derivado naturalmente do amor que vinha do berço e continuava no lar, medido e cantado especialmente em forma clássica. Há poemas que são verdadeiras jóias de simplicidade e ternura, tanto dos parnasiano-simbolistas quanto daqueles de forma livre como elegias, cantatas, etc. Mesmo as celebrações e os poemas de circunstância são o equilíbrio, viraram eternos. Dá prazer sua leitura, emociona pela sutileza, serenidade, contenção, filosofia de vida.

## ANTIFLOR

*Caulé esdrúxulo, gerado sem ventre. Crisol de verdes espadas, sem punho e gume, erguidas do escuro estrume sem o orgasmo das sementes: (grande mistério o de seres vivente por recriado de fibras remanescentes!) - por que mistério ainda círzes a terra, tão bem cerzida, com tuas finas raízes? por quê, sem fonte de amor, vives(eterna antívida!) se serás sempre antiflor?*

## EXORTAÇÃO

*Alma inquieta e sem rumo, sem morada dentro do próprio ser, que te acontece? Para onde vais? Que buscarás na estrada onde o esplendor do sol desaparece?*

*Que desejas colher nessa encantada terra de sonhos? Que dourada messe supões haver na senda extraviada onde nem mesmo o sonho permanece?*

*Olha em torno de ti. Volta e procura em ti mesma o caminho da ventura que andas buscando sem saber se existe...*

*Encontrando-te, enfim, terás a glória de tornar a existência transitória mais serena, mais terna e menos triste*

## ASCENDINO LEITE

Nascido no sertão da Paraíba, em 21 de junho de 1915, Ascendino Leite teve uma infância simples e modesta, naquela paisagem flagelada que, por certo, lhe moldou o caráter forte e firme e uma personalidade severa. Como todo nordestino, vai para o sul, milita na grande imprensa do Rio e São Paulo, por muitos anos, ganhando nessa atividade amigos e desafetos. Também as convicções firmes (católico praticante) e a formação intelectual clássica aprimoraram sua visão de mundo original e bastante ética e rígida.

Escreveu belos romances, entre os quais *A Viúva Branca*, alguma crítica literária e poemas e ganhou fama com seu Jornal Literário de diversos volumes. Recentemente, sua poesia dispersa foi reunida em livro, sob o título de *Jardim Marítimo*. É filosófica, em sua simbologia e mistério. Difícil, viva, ardente. Vem do coração com o seu ritmo próprio, inconfundível, mas profundamente espiritual, embora por vezes pareça camal. Ele mesmo diz que a poesia faz flutuar seu pobre e instável coro de cismas e pensamentos. "Uma sede insaciável de perder-me em mim mesmo."

Atualmente vive, solitário, em João Pessoa, de onde se comunica com os amigos por carta e em primorosos escritos que continua a produzir e publicar nos jornais.

## EPÍLOGO

*A Chico Miguel de Moura*

*Se é o fim da peleja,  
vamos reunir-nos,  
com o resto das armas  
empregadas na luta.  
Vamos reunir-nos,  
sem extensos relatos,  
sem cavilações ou queixas  
das feridas que não fizemos.*

*Certo, encogitamos vítimas  
na reserva dos vivos.  
Mas, na pura verdade,  
lutamos em mínima  
ou não sabemos morrer,  
sem as boas graças  
dos reverendos pedófilos.*

*Que, pelo menos agora,  
possamos recomeçar o litígio  
até que os corpos resvalem  
metódicos, como num código  
de ética ou de razão pura,  
quais os sem terra  
nos estados gerais.*

*Também os libertinos lutam  
quase sempre para morrer  
desigualmente no jardim do Amém,  
a dez jardas do paraíso  
talassico,  
— os gabiões tutelando vagas.*

*Para Cláudio Pacheco  
in memoriam*

## As Carnaúbeiras

ALVARO PACHECO

Ergueram-se da terra seca, acima do tempo,  
das cabras e da fome ancestral, ergueram-se  
do fundo do mar e das lagoas, acima dos peixes  
e das correntes que nos levavam para o sonho  
além da fome, — implacavelmente  
dominaram o sol e a sombra que trouxeram consigo  
das áfricas, herdadas das tamareiras,  
e nos disseram: "Esperem".

Ergueram-se por cima das cercas pobres,  
trançadas de galhos sem vida para segurar,  
não se sabe porque os restos de vida vegetal e areia  
constituintes das mínimas posses do povo sem estrelas  
castigado pelo sol — ergueram-se para o mais alto  
e poder fitar todo o deserto riquíssimo de pobrezas  
que era seu povo, (sendo ele também o seu dono  
e senhor do destino) — e, imaginando o horizonte,  
disseram: "Esperem".

"—Virá um milagre, senão, não poderíamos erguer-nos  
para tão alto e sobreviver ao destino da água,  
que apenas surge de vez em quando,  
como um deus pagão, e corre para cima  
deixando-nos ao desabrigado de suas fontes  
e ao abrigo de nossas sedes" e fomes  
que cultivamos com todas as nossas unhas  
e os nossos pés estorricados de delírio".

"—Ergueram-se para ver nascer entre as pedras azuis  
e crescer em pequenas cachoeiras o grande rio  
que correu por entre elas séculos a fio, fecundando-as com seus braços  
como a jovens incubas e a espíritos de florestas  
e esmoreceu em seu caminho, também se estorriou  
em pedras e barreiras secas, e desapareceu no mar  
entre as ilhas, pasto de caranguejos e de homens tristes,  
que nada mais esperavam. "Esperem".

Ergueram-se para que o horizonte  
não desaparecesse do céu e os meninos  
pudesse ver o arco-íris, pelo menos  
através de suas palmas, e o sol da lua, ao anoitecer,  
por dentro de suas palhas que, contudo,  
nada agasalhavam ou protegiam de uma chuva  
que não vinha nunca, enquanto elas seguravam,

com suas raízes estranhas, o sal da terra.

"Esperem" — disseram. "De terras distantes,  
Não existe o abandono total. Cada fio perdido  
tem uma raiz no céu. De cada ponta solta  
nasce uma invisível esperança  
que não tem nome nem é talvez alcançável,  
mas existe  
como a alma ou a imortalidade sustentada de Deus  
nessa invisível esperança".

É os meninos que viveram, não as suas sombras  
mas ao sol que as iluminava, e a majestade eterna  
com que dominavam as terras nuas e seus espíritos,  
e alimentavam as cabras e a rouquidão dos campos,  
também se ergueram para andar e procurar as visões  
nos buracos mais fundos da terra e da vida  
nos grotões que o grande rio havia deixado pelo mundo  
e no alto imortal dessas palmeiras — e disseram:

"Já esperamos, prosseguiremos daqui".

Bishops Tachibrooks, Inglaterra, 21 maio 97.

## PIAUI

*Para H. Dobal*

*Os gregos tinham mares e montanhas olímpicas -  
por aqui temos rios e velhas árvores no descampado,  
mas também pedras ásperas e cabras  
e histórias de antepassados, não muito antigos.*

*Tinham Homero e toda a História e seus deuses -  
nós temos apenas uma história da história e nenhum  
deus -  
só não soubemos tornar-nos gregos,  
antes deles, para contar-lhes*

*algumas coisas heróicas de alguns milenios  
nas caatingas, circunscritos e vagos, mas muito  
vorazes,  
e o cañhoniamento deste brutal senhor,  
pior que Zeus, - a natureza inclemente.*

*Como os gregos, andamos de sandálias japonesas,  
ou com os pés nus, crestados e duros como a alma  
que se firmou contra Deus, o nosso,  
e todos os deuses gregos que desconhecemos.*

*Norwegian Star, 8 agosto 97.*

## O CENÁCULO PIAUENSE DE LETRAS

*Claé Resende Neves de Melo\**

Fundado em 07.09.1927, teve como responsáveis Antônio e Osiris Neves de Melo e, como participantes, todos os redatores do jornal *O Lábaro*.  
Conta Bugia Brito, em *Tracos em 5 Biografias*, página 63:

*"Eram 30 cadeiras à moda da Academia Piauiense de Letras: as ocupantes do Cenáculo escolheram para patronos os membros efetivos da Academia Piauiense... "do juvenil órgão literário, ou melhor da reunião que marcou a fundação que se deu no prédio da Assembleia Legislativa, em Teresina, a 07 de setembro de 1927, foi batida uma chapa litográfica que teve ampla divulgação no meio. Três elementos femininos foram fundadoras, 27 couberam, portanto, ao círculo masculino".*

A ata de fundação do Cenáculo de 07/07/1927, contém os seguintes termos:

Presidente: Othon Rego  
Secretário: Antônio Neves de Melo  
Tesoureiro: Antônio Félix de Melo

Presentes - Othon Rego, Antônio Neves de Melo, Laurindo Raulino, Jacob de Souza Martins, Júlio Antônio Martins Vieira, Clóvis Brandão Monteiro, Antônio Vieira de Holanda, Luciano Nogueira, Antônio Martins Castello Branco, Alvaro Tito Castello Branco, Antônio Bugia Britto, Jesus Augusto Medeiros, Raymundo Sobreira Cardoso, Cláudio de Moura, Sílvio Carvalho, Moacyr Peixoto, Antônio de Souza Lima Machado, Juvenício Machado Goelho, Osiris Neves de Melo, Zenôbia Ribeiro, Eudóxio da Costa Neves, Alberto Abreu, Thales de Amarante Ribeiro, Júlia Ferreira Gómez e Otilia Silva. Aprovada a edição de *A Revista*.

A comissão de *A Revista*, eleita através de voto, teve o seguinte resultado:

1º - Jesus Medeiros - 17 votos	5º - Jacob Martins - 02 votos
2º - Luciano Nogueira - 15 votos	6º - Júlio Vieira - 02 votos
3º - Osiris Neves de Melo - 14 votos	7º - Véras de Holanda - 02 votos
4º - Antônio Neves de Melo - 08 votos	8º - Otilia Silva, Othon Rego e Sibremi Cardoso - 01 voto

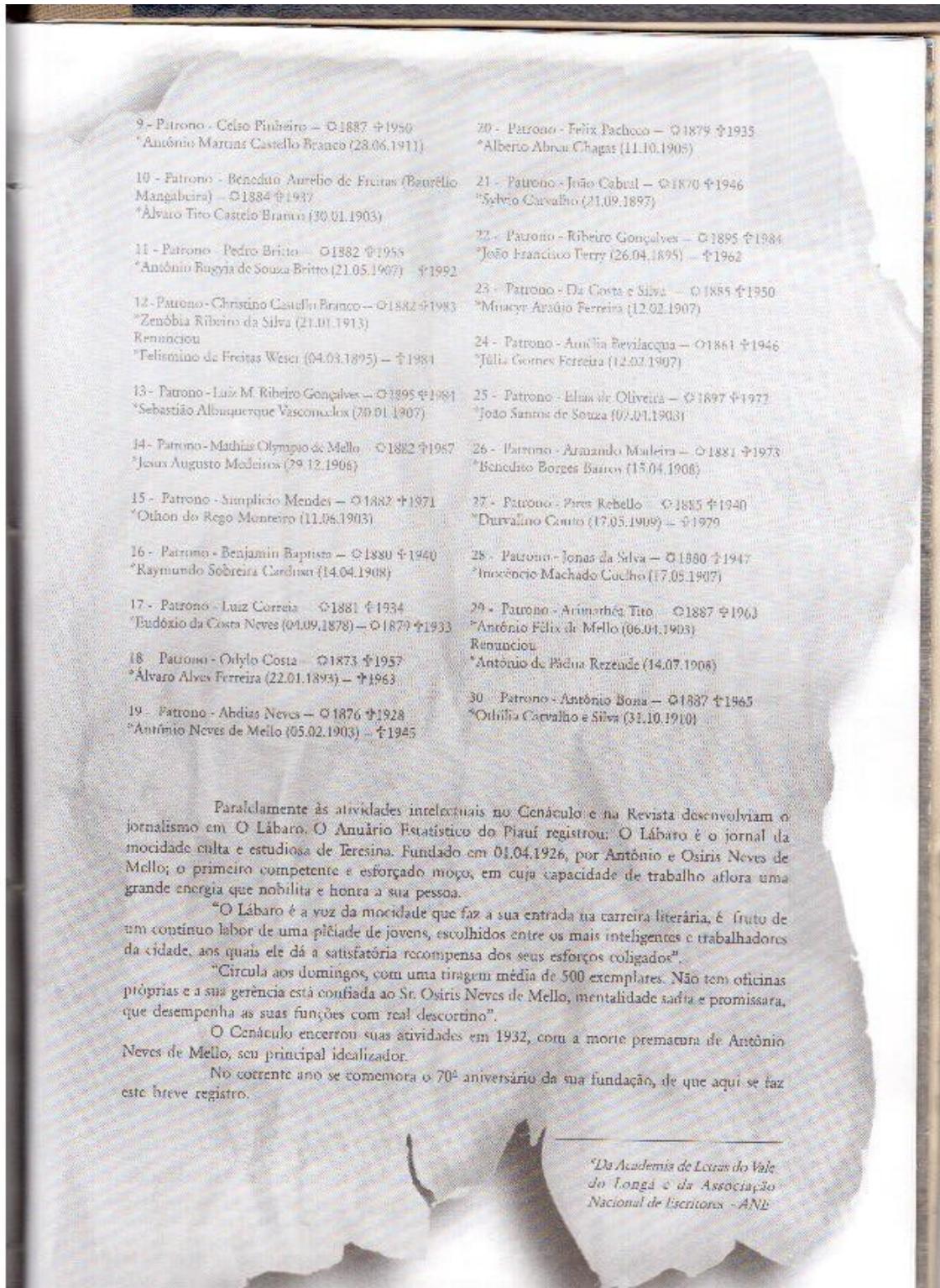
Foram eleitos os três primeiros.

Em 1928, o Cenáculo Piauiense de Letras, patrocinou a eleição do Príncipe dos Poetas Piauiense, com o seguinte resultado:

Da Costa e Silva - 35 votos	Celso Pinheiro - 04 votos
Juntas da Silva - 12 votos	Martins Napoléon - 04 votos

As 30 cadeiras do Cenáculo Piauiense de Letras, todas ocupadas por jovens intelectuais, com a idade média de 20 anos, com exceção de Eudóxio Neves, já era grande avançada, foi assim constituída:

1 - Patrono - Padre Cirilo Chaves - 01894 †1936	4 - Patrono - Cromwell de Carvalho - 01883 †1974
*Laurindo Raulino (28.01.1907)	*Wagner Cavalcanti (21.12.1912)
Eliminado em 1928	
*José Severiano da Costa Andrade (12.12.1906) - 01906 †1974	5 - Patrono - Édisona Cunha - 01891 †1973
Outros pseudônimos: Charles Albert e Pierre Albuon.	*Antônio de Souza Lima Machado
2 - Patrono - Higino Cunha - 01858 †1943	6 - Patrono - Antônio Chaves - 01882 †1938
*Jacob de Souza Martins (26.08.1903)	*Osiris Neves de Melo (26.01.1905) - 01905 †1964
Renunciou	Pseudônimos: Italo Seven, Italo D'Alambert e Italo D'Arenzio
*Luiz Torres Raposo (10.12.1898) - 01898 †1930	7 - Patrono - Pedro Borges - 01890 †1961
3 - Patrono - João Pinheiro - 01877 †1946	*Antônio Vieira de Holanda (24.09.1902) - 01902 †1941
*Júlio Antônio Vieira (27.03.1907) - 01905 †1984	8 - Patrono - Jonathas Baptista - 01885 †1935
Renunciou	*Luciano Burlamaqui Nogueira (18.10.1900)



## DISCURSO\*

Depoimento



Menevio de Sá Neto

Vivo momento luminoso em minha vida. Estou fruindo um instante de êxtase espiritual, sob uma caudal de emoções e sentimentos.

Com algum esforço poderia produzir uma oração vazada na linguagem lógica, marcada por doutrina e conceitos.

Peço desculpa por não fazê-lo, pois quero apenas através de expressões variadas, cantar um hino de gratidão e renovar arraigada profissão de fé naquilo que amei e continuo amando.

Início o meu hino, dirigindo-me aos senhores membros deste egrégio conselho.

Senhor Presidente, Senhores Conselheiros!

Somestes ser generosos. Conferistes, neste entardecer da vida, ao menino timido, desambicioso e até simplório que continuo sendo, uma honraria que vai para além dos seus sonhos e ambições.

A generosidade é característica das almas grandes. Foste generoso. Destes-me um momento de transfigurada plenitude.

Quisera eu ter o dom da atemporalidade para poder, neste momento único, ser contemporâneo dos milhares de momentos que enfratreceram os meus 72 anos de vida. Se atemporal fosse, reviveria neste agora todas as situações, todos os pontos de luz ou de sombra deste já longo caminhar, e abraçado às pessoas – são tantas, são milhares – lhes diria quanto me foram significativas. Repartiria com elas o enlevo desta hora e lhes diria: gozem-na sem remorsos, pois vocês são co-autoras!

Sem a prerrogativa da atemporalidade, inicio uma viagem ao passado. Envolto na gratidão e na saudade, revivo todas as escolas onde, de par com o conhecimento, fui internalizando valores e visões que balizaram e sustentaram minha vida.

Escolas de Miguel Borges de Moura e Maria Rodrigues dos Santos, em Francisco Santos, de Vicente do Rego Barros, em Picos, Seminário Sagrado Coração de Jesus, em Teresina, Seminário Arquidiocesano de Olinda, Cursos da CADES em Teresina, Instituto Superior de Pastoral Litúrgica no Rio de Janeiro, Universidade Federal do Piauí, Universidade Santa Úrsula e Pontifícia Universidade Católica, do Rio de Janeiro, cu retorno para lhes dizer muito obrigado.

Gostaria de nomear quantos nestas diferentes instituições de ensino foram meus professores e muitos deles, mais do que isto, foram mestres e lumínares. Na impossibilidade de fazê-lo, menciono alguns que são síntese/símbolo de todos; José Luís Barbosa Cortez, Paulo Hipólito de Sousa Libório, Luis do Amaral Mousinho, José Camilo da Silveira Filho, Alceu de Amoroso Lima, Lucas Moreira Neves, Cacá Diegues, Maria Junqueira Schmit, Maria Helena Novaes e Maria Aparecida Campos Mamode. A elas e através deles minha mensagem é admiração e saudade.

Deixando as escolas, campo da educação formal ou sistemática, retorno áquelas que foram minhas universidades de vida, os locais de atividade profissional e enriquecedora convivência humana.

Passo por Jaicós e mais onze

municípios que constituiam minha primeira paróquia. Ali vivi durante dezenove anos exercendo oficialmente as funções de pároco, diretor e professor.

Quantos deslocamentos, através de mais de seis mil quilômetros quadrados, ouvindo confidências, compartilhando alegrias e dores, tentando aponhar e abrir caminhos, acender luzes, semear esperança. Ali também tive a ventura de, como primeiro diretor e professor, plantar a primeira semente da CNEC no Piauí – O Ginásio Padre Marcos. Experiência gratificante trabalhar com tantos jovens das micro-regiões do sudeste do Piauí e de outros Estados vizinhos. Através do Ginásio Padre Marcos conheci pessoas dignas de admiração pelo trabalho prestado ao Piauí e ao Brasil e cuja amizade guardo com carinho: Felipe Tiago Gomes, Manoel Paulo Nunes e Vicente Ical de Araújo.

Mas Ginásio Padre Marcos e Jaicós se fundem para mim na mesma lembrança afetiva. Por isso, comovido eu quero gritar: obrigado Jaicós! Você foi minha primeira universidade de vida. Oficialmente, fui seu pároco, seu professor, seu diretor. Na realidade você me ofereceu sessenta mil professores. Eram pessoas simples, ingênuas, até simplórias às vezes, que me ensinaram simplicidade e sabedoria e me fizeram descobrir a beleza dos puros de coração de que nos fala o sermão da montanha.

Na impossibilidade de nomear tantas mil pessoas, vão aqui os nomes símbolo/síntese, carreiros da minha gratidão: Maria do Socorro Lelis, José Alves Feitosa, Neuza Bento Dias, Maria das Mercês Courinho Ferreira, Humberto Reis da Silveira, Maria Adelita Carvalho, Joaquim Nelito da Silveira, Amadeu Leopoldino Ferreira, Manoel Adão de Barros, José de Carvalho Bento, Luiz Lopes dos Reis, Josias Bartolomeu de Carvalho, Anísio de Carvalho Bento, José Manoel de Sousa e Antonio Elpídio Ramos.

De Jaicós voo para o Rio de Janeiro, na paróquia de São Francisco Xavier, na Tijuca. Vivi ali três anos de experiência marcante e enriquecedora.

Deixando a clientela simples e dócil de Jaicós, defronto-me, na Tijuca, com um público capaz de indagar, questionar, discordar e até contestar. Jaicós e Rio de Janeiro, tão diferentes e tão iguais, alargaram e aprofundaram minha experiência no trato com os problemas íntimos e recônditos da alma humana e me ofereceram valiosos flashes de sua grandeza e de sua fragilidade. Francisco Vital Brandão Cavalcanti, General Floriano Machado e Prof. Rosalbo Vale, funcionam como símbolo de minha estima e de meu respeito.

3 de fevereiro de 1973. Chego a Teresina para ser professor da Universidade Federal do Piauí. Começa então, de maneira formal, meu casamento exclusivo, no plano profissional, com a educação. Digo de maneira formal porque, na realidade, desde os mais tenros anos, seja como aluno, seja como padre, diretor ou professor, no confessionário, no púlpito, na sala de aula, nada mais fui que um aprendiz compulsivo e um operário apaixonado da educação.

Aqui chegando, encontro apenas o embrião do que é hoje este campus, grande nas suas estruturas físicas e já respeitável nas oficinas de produção e repartição do saber que conseguiu implantar.

Inicialmente apenas como professor e depois como chefe de departamento, diretor de centro, pró-reitor de planejamento, pró-visor de extensão, membro de todos os conselhos da instituição, tive a ventura de acompanhar de perto o perío laborioso, o crescimento e a consolidação desta obra de relevante significação para o Piauí, emprestando-lhe sempre a modesta contribuição ao meu alcance.

Com apenas uma exceção, contribui de perto com todos os setores que por aqui passaram nestas mais de duas décadas.

Com admiração e respeitosa estima, em reconhecida homenagem, declino os nomes de Hélio de Uchoa Saraiva, Mariano Gaioso, Lineu Araújo, Anfrísio Lobão C. Branco. Com profunda saudade, recordo o Dr. Nathan Portela. Fui seu auxiliar bem próximo. Mais de que isto. Privei da sua amizade. Nas inúmeras viagens que fizemos pude sentir a grandeza de seu amor por esta Universidade e delicadeza de seus sentimentos tão bem escondidos sob uma máscara de frieza e sisudez.

Dr. Nathan, chefe e amigo, a homenagem de minha profunda saudade é proclamar suas virtudes!

Chegando a esta Universidade, tive a dita de reencontrar o ex-professor, figura invulgar, excepcional pela inteligência, pelo arrojo, pela determinação, pela clarividência, pelo compromisso maior com a educação. Falo do chefe, do amigo, do referencial luminoso, José Camilo da Silveira Filho.

Professor Camilo não foi apenas idealista ou idealizador, mas seiva fecundante, artífice, parceiro e demiurgo desta Instituição, à qual se deu sem restrições e sem descanso, conhecendo-lhe os grandes e pequenos problemas, as pessoas e até as picheções dos banheiros.

Marco milenar desta Universidade, o Prof. Camilo, por bravissimo, pelo exemplo de vida,

sci lá por que motivo, teve ainda a ventura de ver sua atuação magnífica continuada pelo filho, Prof. Charles Silveira.

Digno rebento do pai, ao longo de tantos anos, o Prof. Charles vem desenvolvendo nesta Universidade uma atividade brilhante e meritória. Inteligência e amplitude de visão, arrojo e dedicação indormida, conhecimento do conjunto e das particularidades, lealdade profunda à Instituição e às pessoas que a fazem, são características marcantes da beaufazeja trajetória profissional. Momentos de explosão marcam apenas o grito de revolta de sua alma grande, permanentemente generosa, que recusa aprisionar-se na mesquinharia na pequenez do comodismo incompetente e da omissão invejosa.

Bendito seja o destino que me reservou o privilégio de conhecer tão de perto pessoas como Charles e Camilo. A atuação profissional deles me foi sempre estímulo, sustentáculo e farol. Sua amizade, uma dádiva que guardo com carinho.

Charles e Camilo, recebam o testemunho de minha admiração, de meu imenso apreço e de minha permanente gratidão. Tenho certeza de que se um dia a incompetência frustrada ou a mesquinharia invejosa tentarem calar os seus nomes, a obra aqui plantada os gritará.

Esta Universidade foi para mim campo fértil de oportunidades e experiências.

Como professor e seu primeiro diretor, vi o CCE nascer, engatinhar, crescer e consolidar-se. Começamos a caminhada apenas um punhado de professores e de servidores técnico-administrativos. Passamos momentos de incômoda precariedade. Havia poucos títulos acadêmicos, pouco espaço, poucos recursos materiais e humanos, mas viva consciência dos deveres, muita dedicação e dignidade profissional, muito amor e muita ajuda reciproca. Que tempo gostoso o do velho CCE! Como seria bom abraçar com emoção e carinho cada companheiro daquela jornada e declinar com amor e respeito o seu nome. Faço-o apenas de maneira simbólica, mencionando alguns que representam a mais elevada expressão de competência e dignidade profissional, de inteireza de caráter e de riqueza humana: Maria do Amparo Lima Ibiapina, Juraci Mendes Soares, Maria Cecília Araújo Mendes, Elisabeth Gomes de Almeida e Maria Oliveira Lima.

Velho CCE de minhas lembranças e de meu amor, você é marco indelével em minhas experiências de vida!

E como esquecer a passagem pelas Pró-Reitorias de Planejamento e de Extensão? Elas foram momentos de marcante significação profissional

é humana que me oportunizaram o alargamento da visão, o trato com os novos problemas e desafios, o conhecimento mais estreito de pessoas que com competência e dedicação, no trabalho silencioso, na rotina do dia-a-dia, ajudam a construir esta Instituição chamada Universidade Federal do Piauí. Quantos novos companheiros de jornada a quem aprendi a amar e querer bem! Guardo-os todos na memória afetiva e os cumprimento através de profissionais do quilate de José Pires de Oliveira, Regina Lopes, Fabiano de Cristo Rios Nogueira, Maria Gomes de Figueiredo e Paulo de Tarso Batista Libório.

Não posso esquecer minha atual escola de vida, o Conselho Estadual de Educação. Ali, tentando colaborar com a Educação de nosso Estado, empreendo nova e enriquecedora experiência, num ambiente fraterno, onde cada par é um mestre e um amigo.

Sou grato a quantos me ensejaram esta honrosa oportunidade que me faz afastar o fantasma do sentimento de inutilidade e fim. Credo sobretudo ao amigo Luis Ubiraci de Carvalho a alegria do honroso encargo. Grato, Prof. Ubiraci! Que Deus ilumine seus caminhos!

Quero ainda lembrar alguns companheiros da escola formal ou da escola da vida que são ternos e eternos amigos, lembrados com carinho. Leopoldo Portela, Balduíno Barbosa, Joaquim Rufino, Amauri Nunes, Deusdete Craveiro, Ives Maupeou, Euclides Redin, David Angelo Leal, a vocês o testemunho de minha admiração e imensa estima.

Para encerrar este passeio de amor e de saudade, quero, neste momento, aproximar o princípio ontem e o principal hoje de minha existência – o lar de meu nascimento e o atual.

Em Jenipapeiro, hoje Francisco Santos, terra de meus bens-querer, entro naquela casa modesta, minha casa, minha primeira escola de amor, de fé, de honradez e de trabalho. Emocionado, abraço os primeiros companheiros de minha jornada, meus irmãos sempre lembrados, Manoel, Maria, Francisco, Teresa, Benigna, Francisca, José, Geralda, Camila e João Bosco. Revejo no amor e na saudade, meus primeiros mestres, meus pais, João e Maria. Com imenso carinho e gratidão lhes digo: muito obrigado! Vivam comigo esta hora de alegria porque ela também lhes pertence.

Volto agora os olhos do corpo e do coração para Erika e Danilo, meus filhos mui queridos, frutos do meu amor e motivação maior do meu viver. Filhos queridos que tanto me incentivam e ensinam, eu os quero com ternura. Que Deus os faça fortes no

bem e lhes ilumine os caminhos do futuro!

Vejo-te agora, Carminda, minha esposa, minha companheira, minha confidente, meu apoio, minha mestra e minha amiga. A ti, tão jovem e tão vivida, tão frágil e tão forte, meu reconhecimento, meu amor, minha imensa ternura! Que Deus acompanhe os teus passos e te recompense o bem que me fazes!

Senhor Presidente, Senhores Conselheiros, minhas Senhoras e meus Senhores!

Esta longa viagem através de 72 anos de vida foi o cântico de um hino de gratidão e louvor.

Nenhum ser humano se realiza no isolamento, no vazio de interrelações. É na interpessoalidade que ele encontra o estímulo, o apoio, o exemplo, o interlocutor, o confidente, o amigo, o referencial dos passos a seguir.

Quero, pois, que minha palavra seja a homenagem a quantos cruzaram os caminhos de minha vida e nela deixaram impressa sua marca.

Seja também minha palavra uma ardente profissão de fé em tudo que amei e mereceu o meu esforço e a minha dedicação.

Eu creio na justiça e no respeito como pilares da convivência entre os homens. Eu creio na educação e no trabalho, alavancas e ferramentas da realização pessoal e do enriquecimento da sociedade. Eu creio na disciplina interior e na reflexão permanente, condições para um trabalho humano digno e transformador. Eu creio na colaboração não interessista e na tolerância que compreende e perdoa como requisitos para a multiplicação do bem e superação do mal. Eu creio na simplicidade de vida e na retidão do caráter como atitudes condizentes com a situação do homem no mundo. Eu creio no amor como a grande força que aproxima as pessoas, derriba resistências, multiplica energias para a construção de uma sociedade melhor, confere alegria e dignidade à vida. Eu creio na consciência como a voz de Deus no íntimo de cada homem.

Sobretudo e finalmente, eu creio Nele, princípio e fim, luz e calor, sabedoria e justiça, bondade e amor. Senhores, eu creio em Deus!

Obrigado, Senhor, porque tudo é teu!

\*Discurso pronunciado pelo professor Mariano da Silva Neto por ocasião da outorga do Título de Professor Emérito, pelo Conselho Universitário da UFPI.

# PLENÁRIO DO CEE

Conselheiro

Pe. RAIMUNDO JOSÉ ABREU MORAES SOARES<sup>28</sup>

Relator

Nomotiza, em caráter experimental, o número de alunos por turmas nas séries de ensino Pré-Escolar, de 1º e 2º graus no sistema estadual de Ensino do Piauí.

## 6. INTRODUÇÃO

A fim de subsidiar o discernimento dos ilustres membros deste egrégio Conselho Estadual do Piauí, apresentam-se rapidamente alguns elementos, sistematizados em quatro tópicos que por falta de nomenclatura estabelecida e utilizando os recursos da assinância, designamos com os nomes tempestivamente, explicados de: temática, problemática, informática e pragmática.

## 1. TEMÁTICA:

É o tema. O assunto tratado. A matéria examinada. No caso é o ensino ministrado nas escolas do Sistema Estadual de Ensino do Piauí, sob o ângulo do número de alunos por turmas nas diversas séries dos ensinos pré-escolar, de 1º e 2º graus.

A relevância do tema decorre da própria natureza do ensino, como atividade especificamente humana. O ensino é um processo no qual interagem primariamente dois agentes: o agente principal que é o aluno e o agente subsidiário que é o professor. Obviamente há outras interações complementares de importâncias variadas, como a interação dos alunos entre si e as interações deles com todas as suas circunstâncias no sentido que dá a este termo o ensaísta Ortega Y Gasset.

A experiência universal no campo de ensino fez emergir a verificação que pode

formular-se como uma lei: a atividade desenvolvida pelo professor, no ato de ensinar, decresce em razão direta do aumento da atividade do aluno e a atividade do aluno cresce na medida em que avança em idade, não tanto cronológica quanto globalmente humana. Daqui pode inferir-se que o número de alunos a cargo de um professor, no que tange ao ensino, "coeleris paribus" normalmente pode crescer na medida em que os graus de ensino se vão sucedendo: menor no ensino pré-escolar, maior no ensino de primeiro grau e maior ainda no ensino de segundo grau e assim por diante.

Outra variável importante no exercício da aprendizagem-ensino é a coordenação do espaço, essencial alias para o ser da pessoa humana. É necessário um espaço suficiente para a pessoa viver, agir e por isso aprender.

Existem, certamente outros elementos a considerar. Restringe-se entretanto aos acima mencionados por estarem o mais universalmente ao alcance da experiência normal.

Outros elementos já situariam o tema na esfera de casos especiais.

## 2. PROBLEMÁTICA

É o problema. O que é lançado diante da inteligência. No caso é a questão real: Quantos alunos deve ter uma turma de ensino pré-escolar, de 1º grau, de 2º grau no Sistema Estadual de Ensino do Piauí?

Em termos ideais o problema se resolveria facilmente. Bastaria apelar para as conquistas das ciências pedagógicas nos seus diversos ramos como a Psicologia Educacional, a Didática, a Sociologia

Educação, a Administração Escolar, entre outros, bem como para o cabedal de experiências acumuladas pela prática do bom senso.

Em termos reais, porém, há muitas outras variáveis implicadas, complicadas e complicadoras.

Quantos alunos estão carecendo de ensino? Qual a extensão de vagas oferecidas? Qual a prática vigente no Estado? Quais os critérios concretos, utilizados efetivamente para a composição numérica das turmas nos diversos graus de ensino?

Existem realmente tais critérios? Obedecem estes às exigências e recomendações da Série Pedagógica? Orientam-se, ao contrário, por razões outras, como no caso de estabelecimentos particulares, por exemplo, pela necessidade de faturamento suficiente para que as escolas, possam manter-se e garantir uma razoável margem de lucro? Ou até mesmo pela busca de lucro desmesurado pelo inchamento das turmas facilitadas por vários fatores:

- a) a super população de alunos carentes de ensino;
- b) as precárias condições financeiras das famílias, supostamente atendidas pela diminuição, muitas vezes, aparente e enganosa das anuidades escolares, praticada por certos estabelecimentos que se compensam financeiramente com o número exageradamente grande de alunos em cada turma, prejudicando com isso a bons estabelecimentos e o que é pior concorrendo para a deterioração da qualidade do ensino;
- c) a ausência de normatização que disciplina o assunto por parte dos órgãos competentes do Sistema Estadual de Ensino.

### 3. A INFORMÁTICA:

São as informações sobre o assunto. O conjunto de conhecimentos sobre a matéria. Seria interessante um levantamento exaustivo de todo o imenso acervo do saber já consolidado sobre o tema tanto no aspecto teórico quanto no aspecto prático. Tal levantamento no entanto é inviável nas circunstâncias concretas, aqui e agora.

O Conselho Estadual de Educação do Espírito Santo, em muito boa hora e numa empreitada altamente louvável, com a finalidade de embasar a elaboração de "norma regulamentadora sobre limitação de número de alunos em sala de aula" no sistema de ensino daquele Estado, decidiu realizar ampla

pesquisa em âmbito nacional sobre o assunto.

A Comissão encarregada de tal pesquisa solicitou informações sobre o assunto a todos os estados brasileiros e ao Distrito Federal.

Dezenove estados e o Distrito Federal, correspondendo a 74% do total das unidades da Federação responderam à solicitação.

Das vinte unidades que responderam apenas uma, o Acre, informou não possuir "algum ato normativo regulamentando o número de alunos por turmas."

Oito estados: Pará, Tocantins, Pernambuco, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e o Distrito Federal "tratam a matéria através de normas estabelecidas pela Secretaria de Estado da Educação."

Oito estados: Amapá, Rondônia, Ceará, Maranhão, Sergipe, São Paulo, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul "possuem atos promulgados pelo CEE."

O Estado da Bahia "possui normas estabelecidas pela Secretaria de Educação e pelo Conselho Estadual."

Minas também "possui uma norma do CEE com indicação de área física por aluno."

O relatório da Comissão apresenta pormenorizadamente os dados referentes ao número de alunos por turmas.

Para o pré-escolar, 6 Estados apresentaram uma variação entre 18 e 30 alunos para todas as séries:

Os outros Estados estabelecem o número de alunos para creches e Jardim I e II com uma variação entre 20 a 25 alunos por turma e uma variação entre 25 e 35 alunos para as turmas de Jardim III.

Em relação ao 1º grau, há estados que apresentam o mesmo número de alunos para todas as séries com uma variação entre 25 e 50 alunos. Outros estabelecem números diferentes para as séries iniciais: (1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup>) com variação entre 35 - 50. (cf. relatório da Comissão do CEE do Espírito Santo). As últimas séries (5<sup>a</sup> - 8<sup>a</sup>) variação entre 25 e 50 alunos.

Para o 2º grau a variação apresentada oscila de 25 a 60.

No que tange concretamente ao Estado do Piauí não se dispõe de levantamento sobre a situação real.

Sabe-se, contudo que há uma variação muito ampla de número de alunos por turmas, situação agravada por muitos abusos como os mencionados acima (cf. n° 2, b).

Com data de 26 de novembro deste ano de 1996 o Sinepe/PI comunicou à

Presidente do CEE aprovação por parte dos Estabelecimentos a ele filiados "proposta do número de alunos por classe para o ano letivo de 1997, a saber:

Pré-Escolar:	até 30 alunos
1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> séries do 1 <sup>º</sup> grau:	até 35 alunos
3 <sup>a</sup> e 4 <sup>a</sup> séries do 1 <sup>º</sup> grau:	até 40 alunos
5 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup> séries do 1 <sup>º</sup> grau:	até 45 alunos
2 <sup>º</sup> grau:	até 50 alunos."

A proposta do Sinepe/PI que foi transformada no processo CEE 365/96 (cf. fl. 01) é acompanhada de cópia da cláusula 15 da Convenção Coletiva de Trabalho 1996-1997, do SINEPE/DF verbis.

"Cláusula 15; limitação do número de alunos em sala de aula.

Os estabelecimentos de Ensino observarão rigorosamente a limitação da quantidade de alunos por sala de aula, fixado pelo Conselho de Educação do Distrito Federal.

- a) no pré-escolar: até(trinta) alunos;
  - b) nas 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> Série do 1<sup>º</sup> grau até 35(trinta e cinco) alunos;
  - c) nas 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries do 1<sup>º</sup> grau até 40(quarenta) alunos;
  - d) nas 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries do 1<sup>º</sup> grau até 45(quarenta e cinco) alunos;
  - e) no 2<sup>º</sup> grau, até 50(cinquenta) alunos."
- (cf. fls. 02-03).

A comunicação feita pelo SINEPE/PI da proposta acima à Presidente do CEE do Piauí deu ensejo a que o mesmo CEE se debruçasse sobre a matéria para a elaboração de normas regulamentadoras como as têm a maioria dos Estados brasileiros bem como o Distrito Federal.

#### 4. PRAGMÁTICA

É a ação normatizada, através da regulamentação legal. Com base nos elementos dos tópicos anteriores, considerando diversos outros elementos da realidade do Estado e procurando uma solução relativamente simples e viável dentro da complexa situação escolar do mesmo Estado, o presente parecer é no sentido de que o Conselho Estadual de Educação do Piauí estabeleça em caráter ex-

perimental, que o número de alunos por turma no sistema do ensino do Piauí seja:

no Pré-Escolar de no máximo 35 alunos no 1<sup>º</sup> grau de no máximo 45 alunos no 2<sup>º</sup> grau de no máximo 50 alunos.

Estabeleça também o Conselho que este número máximo seja condicionado a que as salas de aulas disponham de área física com um mínimo de 1,00m<sup>2</sup> por aluno e de 2,00m<sup>2</sup> para o professor. Caso contrário o número máximo de alunos por turmas será ajustado à área real da sala de aula.

Determine outrossim que o descumprimento destas normas implique em notificação ao estabelecimento de ensino e em cassação da autorização de funcionamento ou do reconhecimento do estabelecimento, conforme o caso, se o estabelecimento persistir em não cumprir esta regulamentação.

É o Parecer.

Sala das Sessões Plenárias do Conselho Estadual de Educação, em Teresina, 10 de dezembro de 1996.

\* Sacerdote católico, educador. Graduado em Filosofia pela Academia Romana de Santo Tomás, Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. PhD em Teologia Pastoral pela Universidade de Montreal-Canadá.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO - CEE

CONSELHEIROS

01. Juraci Mendes Soares - Presidente
02. Pe. Raimundo José Airemoralis Soares - Vice-Presidente
03. Dom Augusto Alves da Rocha
04. Clementino de Jesus Barbosa Siqueira
05. Deodálio Dantas Ferreira
06. Francisco Antônio Leite
07. Maria Helena Madeira Nunes
08. Mariano da Silva Neto

Resolução N° CEE 46/96

Normatiza em caráter experimental o número de alunos por turmas nas séries de ensino pré-escolar / de 1<sup>º</sup> e 2<sup>º</sup> graus no Sistema Estadual de Ensino.

A PRESIDENTE DO CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições legais, apoiada no parecer n.º 79/96 aprovado por este Colegiado,

R E S O L V E :

Art. 1º - O número de alunos por turmas dos estabelecimentos de ensino vinculados ao Sistema de Ensino do Piauí será:  
no Pré-Escolar de no máximo até 35 (trinta e cinco);  
no 1º Grau de no máximo até 45 (quarenta e cinco);  
no 2º Grau de no máximo até 50 (cinquenta).

Art. 2º - É condição "sine qua non" para que as mencionadas turmas tenham o número máximo indicado de alunos que as respectivas salas de aula disponham de área física com um mínimo de 1,00m<sup>2</sup> por aluno e um mínimo de 2,00m<sup>2</sup> para o professor.

Parágrafo Único - Caso as salas de aula não disponham da área física exigida, o número máximo de alunos deverá ser ajustado à capacidade real da área física das mesmas de acordo com o estabelecido no caput deste artigo.

Art. 3º - O Disposto nesta resolução deverá ser cumprido a partir do ano letivo de 1997.

Art. 4º - O descumprimento do disposto na presente resolução

implicará em notificação ao estabelecimento infrator e ulteriormente em cassação da autorização de funcionamento ou de reconhecimento do mesmo estabelecimento, conforme o caso, se o estabelecimento persistir na infração.

Art. 5º - Os casos omissos serão resolvidos pelo Conselho Estadual de Educação.

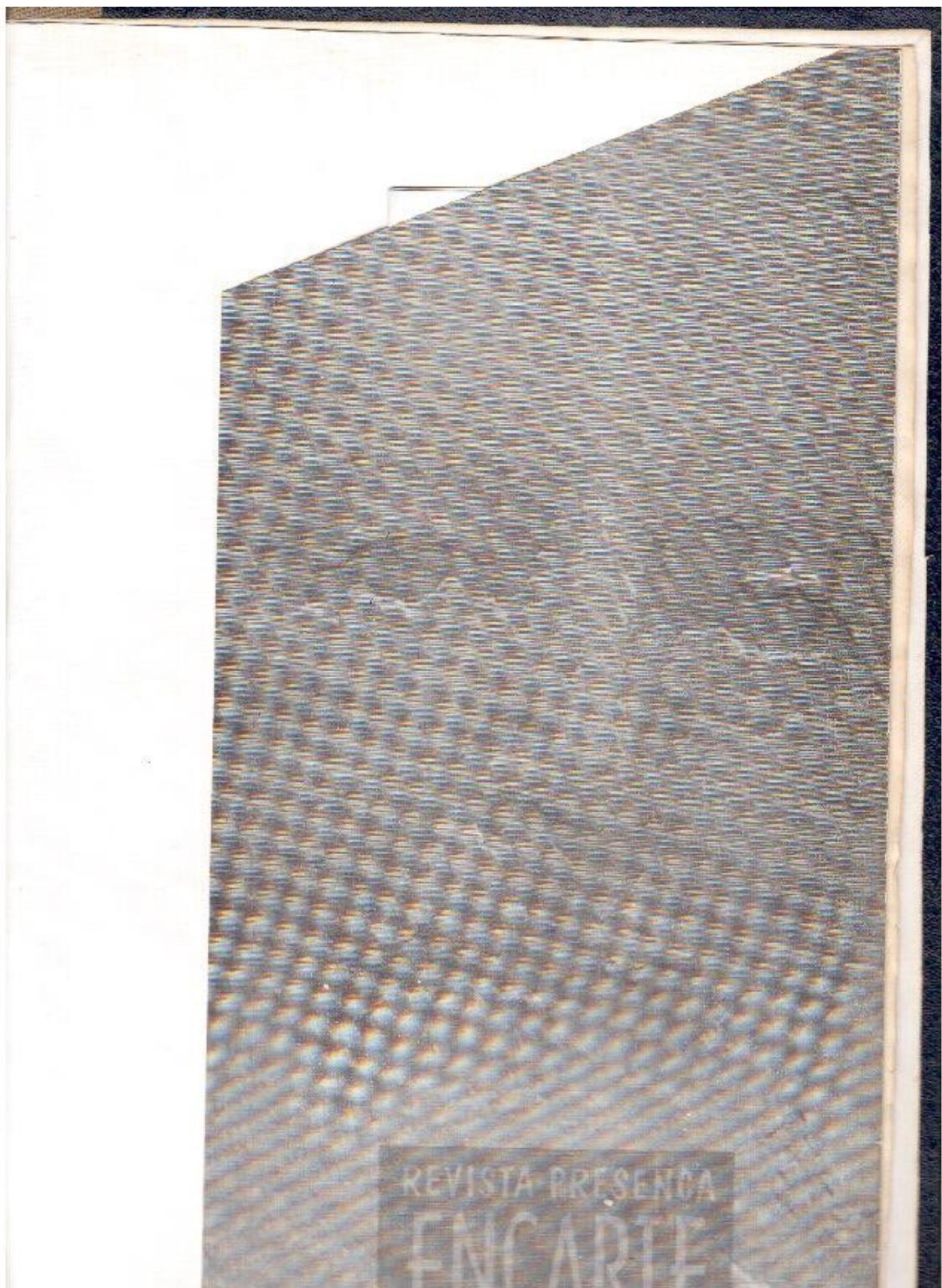
Art. 6º - Esta resolução entrará em vigor na data de sua homologação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões Plenárias do Conselho Estadual de Educação, em Teresina, 10 de dezembro de 1996.

Assinatura  
Cons: JURACI MENDES SOARES  
Presidente do C.E.E. / Piauí

Homologo a Resolução CEE nº 46/96, do  
Egrégio Conselho Estadual de Educação, em 17.12.96

Assinatura  
Prof. LUIZ UBIRACI DE CARVALHO  
Secretário de Educação  
Valdionor de Albuquerque Barros  
Secretário em exercício



## GERAÇÃO PÓS-69

PROJETO POESIA EM ADESIVO. COORD.: PAULO MACHADO

